



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

DÉBORA GUEDES FALCÃO

**A POLÍTICA DE SEGURANÇA DOS ESTADOS UNIDOS PARA A AMÉRICA LATINA: O
USSOUTHCOM E A SECURITIZAÇÃO DA VENEZUELA COMO CENTRO DO
CÍRCULO VICIOSOS DE AMEAÇAS**

João Pessoa - PB

2023

DÉBORA GUEDES FALCÃO

**A POLÍTICA DE SEGURANÇA DOS ESTADOS UNIDOS PARA A AMÉRICA LATINA: O
USSOUTHCOM E A SECURITIZAÇÃO DA VENEZUELA COMO CENTRO DO
CÍRCULO VICIOSOS DE AMEAÇAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal da Paraíba, como requisito à obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Augusto Wagner Menezes Teixeira Júnior.

João Pessoa

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F178p Falcão, Débora Guedes.

A política de segurança dos Estados Unidos para a América Latina: o USSOUTHCOM e a securitização da Venezuela como o centro do Círculo Vicioso de Ameaças / Débora Guedes Falcão. - João Pessoa, 2023.
83 f. : il.

Orientação: Augusto Wagner Menezes Teixeira Júnior.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Securitização. 2. Círculo Vicioso de Ameaças. 3. USSOUTHCOM. 4. Comando Sul dos Estados Unidos. I. Teixeira Júnior, Augusto Wagner Menezes. II. Título.

UFPB/CCSA

CDU 327

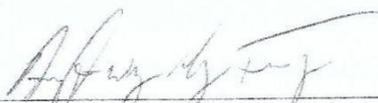
DEBORA GUEDES FALCÃO

**A POLÍTICA DE SEGURANÇA DOS ESTADOS UNIDOS PARA A AMÉRICA LATINA: O
USSOUTHCOM E A SECURITIZAÇÃO DA VENEZUELA COMO O CENTRO DO
CÍRCULO VICIOSO DE AMEAÇAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Relações Internacionais do Centro de
Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) da Universidade
Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial
para obtenção do grau de bacharel (a) em Relações
Internacionais.

Aprovado(a) em, 05 de junho de 2023

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Augusto Wagner Menezes Teixeira Junior – (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba - UFPB



Prof. Dr. Marcos Alan Shaikhzadeh Vahdat Ferreira
Universidade Federal da Paraíba - UFPB



Prof. Dr. Diogo Monteiro Dario
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Dedico esse trabalho, em memória de Judithe Guedes de Souza, minha avó materna, cuja força e coragem criaram uma linhagem de mulheres guerreiras e singulares da qual eu me orgulho de descender.

AGRADECIMENTOS

Seria impossível resumir e traduzir em palavras o tamanho da minha gratidão por cada pessoa que fez parte desta jornada. Como diz o ditado popular “it takes a village” que se traduz mais ou menos em “é preciso uma aldeia ou uma comunidade”, este trabalho não existiria sem a contribuição dessa comunidade que eu vou livremente chamar aqui de minha aldeia, mas que contempla minha família, meus amigos, meu namorado, minha psicóloga, professores e orientadores e colegas de curso. Mas não vamos nos adiantar, cada um vai ter o seu momento de agradecimento particular aqui.

Poderia ser clichê iniciar os agradecimentos pela minha família, mas para mim não faria sentido começar por qualquer outro ponto que não este. O primeiro agradecimento vai para os meus pais, Lucineide e Wylly. Eu cresci ouvindo constantemente que a maior herança que eles poderiam deixar a mim e a meus irmãos, seria a educação, pois ninguém poderia nos tirar isso um dia. Os diversos sacrifícios e renúncias deles fizeram com que eu pudesse sonhar e ir atrás desses sonhos, porque para eles o céu era o nosso único limite. E caso esse sonho não se concretizasse, eu sabia que eu tinha na minha família o conforto que eu precisava para continuar tentando. Agradeço aos meus irmãos, Igor e Yuri, que por mais que nossas personalidades sejam completamente diferentes sempre me aceitaram do jeito que sou. Obrigada por contribuírem cada um à sua maneira, Igor com suas canoras para universidade, me ajudando a carregar duas bolsas cheias de livro para estudar na biblioteca e Yuri que virou meu companheiro oficial de todas as festas do curso, ao ponto de ser mais conhecido entre os alunos de RI do que eu. Agradeço também a minha madrinha, Tia Laudiceia, de quem eu tive a honra de herdar o amor pela leitura, sem o qual eu não teria terminado a graduação e sem o qual eu não seria quem sou. Agradeço a Michelly e Vinicius, por terem sido meus irmãos mais velhos postigos e me acolhido em Natal para escutar meus desabafos da universidade sempre que eu precisasse. A lista aqui poderia continuar para sempre, enumerando a forma como cada pessoa da minha família contribuiu para que eu pudesse dar um novo passo nesta caminhada não só da graduação, mas da vida como um todo.

Aos anjos de quatro patas que também fazem parte da minha família e cujo amor e companhia me acalentaram durante todos os dias de angústia e incertezas que eu vivenciei nos últimos 5 anos. Aos irmãos peludos que me auturam até hoje: Debret, Biludo, Suru Helena, Minnie, Dora, Luna, Olívia, Isabel e Vitória e aqueles que hoje são estrela ou que não estão mais perto de mim, mas cujos meses ou anos de companhia e amor incondicional me fizeram uma pessoa melhor: Priscilla,

Pingo, Boi, Mafalda, Branquinha, Juliette, Charlotte, Matilda, Gina, Nina e Mirna. Levarei um pedacinho de cada um de vocês para sempre no meu coração.

Aos meus amigos da universidade, em especial aqueles que seguraram a minha mão e me deram todo o apoio que eu precisava neste último e mais difícil período da universidade. Cinthya, Eduarda, Davi, Maria Mont Serrat e Bia, obrigado por escutarem cada reclamação e desabafo nestes últimos meses. Aos meus amigos do curso, obrigado pela parceria e por terem feito parte desta caminhada comigo. Aos meus amigos de fora da graduação, em especial Bia Bianca, como painho diria, Hempel, Lily e Sammy, obrigado por serem meus amigos mesmo eu tendo sumido constantemente e falado do meu TCC 24 horas por dia. A escuta incansável de vocês me fez ter força para concluir esta fase.

Agradeço a minha psicóloga, Pollyana, por ter sido uma das pessoas que mais escutou todas as minhas angústias e dúvidas. Obrigado pela paciência e por todos os puxões de orelha e lembretes de que eu era capaz de muito além do que eu imaginava. E o último agradecimento mais pessoal vai para a pessoa que oficialmente foi a que mais me ouvir reclamar nesses últimos 1 ano e meio. Agradeço ao meu namorado, Gabriel, por ter sido meu porto seguro e ter segurado minha mão todos os dias e todos os momentos que eu precisava. Mesmo que nossos caminhos se separem no futuro, eu sempre serei grata por todos os abraços, por toda paciência e por toda a ternura de me escutar e me acolher sempre que eu precisei e quando eu mais precisei nesta reta final de curso.

Agradeço aos meus colegas de grupo de pesquisa, o Geesi, e do grupo de extensão, o Geesicast, por terem sido uma segunda família para mim durante esses 5 anos. Agradeço também ao meu orientador, Augusto, sem o qual eu não teria conhecido todas essas pessoas incríveis da família Geesi. Nunca poderei agradecer o suficiente por ter acreditado em mim desde o começo e por ter me apoiado mesmo quando eu achava que não era capaz. Devo todos os resultados da minha pesquisa a cada uma das reuniões em que eu angustiada achava que tinha chegado em um corredor sem fim e o senhor sempre encontrava uma nova porta. Agradeço também ao professor Diogo, que me acolheu em 2022 no Laboratório de Estudos de Defesa e Segurança (LEDS) e mesmo a distância acreditou no potencial do meu projeto e que, ao lado do André, fizeram inúmeras contribuições na parte de análise de dados da minha pesquisa e que me ajudaram a iluminar os próximos passos nessa jornada como pesquisadora.

Por fim, agradeço a todos os professores do curso de Relações Internacionais e aos servidores da UFPB que fizeram parte desta caminhada e sem os quais eu jamais poderia ser o que sempre sonhei ser: uma internacionalista.

“Se há uma coisa que aprendi nesta minha longa vida foi o seguinte: no amor, nós descobrimos quem desejamos ser; na guerra, descobrimos quem somos. Os jovens de hoje querem saber tudo sobre o mundo. (...) Eu venho de uma geração mais calada. Nós entendemos o valor do esquecimento, o fascínio da reinvenção.”
(Kristin Hannah - O Rouxinol)

RESUMO

Tendo em vista a posição de supremacia dos Estados Unidos desde o fim da Guerra Fria, o progressivo desenvolvimento de potências emergentes como China e Rússia é considerado um indício do fim dessa era. A evolução da capacidade de projeção de força e influência desses países favoreceram um maior engajamento de potências revisionistas na América Latina e Caribe. Somado a ameaças regionais como o Crime Organizado, a penetração de potências extrarregionais no hemisfério afeta os interesses dos Estados Unidos na região, incorrendo em riscos para a sua própria segurança nacional. Por meio da investigação com foco qualitativo e ênfase descritiva e analítica dos principais documentos de defesa do país, realizamos a análise de conteúdo do discurso do Comando do Sul (USSOUTHCOM) acerca da presença do círculo vicioso de ameaças na Venezuela. O presente estudo tem como objetivo responder a seguinte pergunta de pesquisa: Como os Estados Unidos, sob a figura do USSOUTHCOM, securitiza a Venezuela como o centro do círculo vicioso de ameaças na América Latina e Caribe? Concluimos que, em resposta à crescente intensificação da complexidade da situação da região, o USSOUTHCOM vem se utilizando da atenção internacional direcionada ao cenário de crise da Venezuela com o objetivo de expandir o aparato militar dos EUA na região e de realocar a América Latina como uma prioridade à segurança do país. Essa projeção, se concretizada, incorre em sérias consequências para a defesa do Brasil.

Palavras-chave: Securitização; Círculo Vicioso de Ameaças; USSOUTHCOM.

ABSTRACT

In view of the position of supremacy of the United States since the end of the Cold War, the progressive development of emerging powers such as China and Russia is considered a reflection of the end of that era. The evolution of these countries' ability to project force and influence favored a greater engagement of revisionist powers in Latin America and the Caribbean. Added to regional threats such as Organized Crime, the penetration of extra-regional powers in the hemisphere affects US interests in the region, incurring risks to its own national security. Through research with a qualitative focus and descriptive and analytical emphasis on the country's main defense documents, we carried out a content analysis of the Southern Command (USSOUTHCOM) discourse about the presence of the vicious circle of threats in Venezuela. The present study aims to answer the following research question: How does the United States, under the figure of USSOUTHCOM, securitize Venezuela as the center of the vicious circle of threats in Latin America and the Caribbean? We conclude that, in response to the increasing complexity of the situation in the region, USSOUTHCOM has been using the international attention directed to the crisis scenario in Venezuela with the objective of expanding the US military apparatus in the region and relocating Latin America as a priority to national security. This projection, if implemented, would have impactful consequences for the defense of Brazil.

Keywords: Securitization; Vicious Cycle of Threats; USSOUTHCOM.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	21
2.1 A escola de Copenhague.....	21
2.2 Teoria da Securitização.....	23
2.3 Metodologia de Pesquisa.....	27
3 CONTEXTO GEOPOLÍTICO.....	28
3.1 A Segurança Nacional, o Hemisfério Ocidental e a Doutrina Monroe: a Evolução da Estratégia de Segurança dos Estados Unidos.....	28
3.2 O Southcom na Estrutura Hierárquica do Departamento de Defesa dos EUA.....	31
3.3 O Southcom e a Política de Segurança dos Estados Unidos para a América Latina.....	35
3.4 O dilema de segurança venezuelano e a América Latina como novo polo de disputa por influência entre Estados Unidos, Rússia e China.....	39
4 ESTUDO DE CASO: O CÍRCULO VICIOSO DE AMEAÇAS DA VENEZUELA À LUZ DO DISCURSO DO USSOUTHCOM.....	44
4.1 Os <i>Posture Statements</i> como Atos de Fala.....	44
4.2 O círculo vicioso de ameaças na Venezuela como Objeto Referente.....	49
4.2.1 Atores Estatais Extrarregionais : China, Rússia e Irã.....	49
4.2.2 Organizações Terroristas Extremistas	56
4.2.3 Organizações Criminosas Organizadas.....	59
4.3 A Venezuela no centro do Círculo Vicioso de Ameaças.....	62
4.4 Análise da Operação Ampliada Contra Narcóticos de abril de 2020.....	66
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	73

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tabela com as três principais concepções epistemológicas de segurança	22
Figura 2 - Esquema baseado no modelo construído por Buzan.....	24
Figura 3 : Mapa de Intervenções militares dos Estados Unidos na América Latina (1898-1983).....	30
Figura 4 - Mapa com a distribuição geográfica dos Comandos Combatentes dos Estados Unidos...	32
Figura 5: As duas políticas externas dos Estados Unidos.....	34
Figura 6 - Processo de Elaboração do Plano de Comando Unificado.....	35
Figura 7 - Mapa da Área de Responsabilidade do Comando do Sul.....	37
Figura 8: Tabela com as Linhas de Esforços do Comando do Sul.....	38
Figura 9: Componentes do USSOUTHCOM.....	39
Figura 10: A polarização internacional em torno da presidência da Venezuela em 2019.....	43
Figura 11: Círculo Vicioso de Ameaças da América Latina.....	46
Figura 11: Gráfico do orçamento do Southcom em comparação com os demais Comandos (2015-2022).....	48
Figura 12: Mapa da Mineração Ilegal na Venezuela.....	64
Figura 13: Operação Ampliada Contra-Narcóticos de abril de 2020.....	68
Figura 14: Visita do Donald Trump ao Comando do Sul após a operação.....	69

LISTA DE ABREVIATURAS

A2/AD - Anti-acesso e Negação de Área

AEE - Atores Estatais Extrarregionais

ALC - América Latina e Caribe

AOR - Área de Responsabilidade

CCG - Comando Combatente Geográfico

CCU ou COCOM- Comando Combatente Unificado

CDS - Conselho de Defesa Sul-Americano

COVID-19 - Coronavírus

CNPC - Corporação Nacional de Petróleo da China

CRS - Complexos Regionais de Segurança

CVA - Círculo Vicioso de Ameaças

DoD - Departamento de Defesa

DoS - Departamento de Estado

DEA - Drug Enforcement Administration

DW - Deutsche Welle

EC - Escola de Copenhague

ELN - Exército de Libertação Nacional

EUA - Estados Unidos da América

ESI - Estudos de Segurança Internacional

FANB - Força Armada Nacional Bolivariana

FARC - Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia

GAO - Government Accountability Office

GFW - Global Fishing Watch

HRW - Human Rights Watch

IISS - International Institute of Strategic Studies

IRCG - Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica

IUU - Illegal, Unreported and Unregulated Fishing

JCS - Joint Chief of Staff

NSC - National Security Council

NSS - National Security Strategy

OCCRP - Projeto de Informação sobre Crime Organizado e Corrupção

OCT ou TCO- Organizações Criminosas Transnacionais

OEA - Organização dos Estados Americanos

OEV - Organizações Extremistas Violentas

ONG - Organização Não Governamental

OVV - Observatório de Venezuelano de Violência

PDI - Polícia de Investigações do Chile

PMC - Empresas Militares Privadas

PUC - Plano de Comando Unificado

RPC - República Popular da China

TF - Tríplice Fronteira

TS - Teoria da Securitização

UNASUL - União das Nações Sul-Americanas

UNODC - Gabinete das Nações Unidas para Drogas e Crimes

USSOUTHCOM ou SOUTHCOM- United States Southern Command

ZEE - Zona Econômica Exclusiva

ZOPACAS - Zonas de Paz e Cooperação do Atlântico Sul

1 . INTRODUÇÃO

Segundo Graham Allison (2020), quando uma potência em ascensão ameaça substituir a potência dominante, os sinos alertam o perigo iminente. China e Estados Unidos estariam em uma rota de colisão e a América Latina e Caribe (ALC), também conhecida como Hemisfério Ocidental para os vizinhos estadunidenses, seria uma das interseções em meio a este confronto emergente. Dessa maneira, a volta da competição geopolítica entre grandes potências e a constante disputa por novos espaços de atuação dentro do jogo de projeção global de poder compele que o tabuleiro geoestratégico internacional seja reorganizado. Seria nesse processo reestruturação das dinâmicas regionais e globais de poder que a ALC, tradicionalmente percebida como uma região secundária e distante dos focos de tensão mundial, estaria passando por um processo de reposição no tabuleiro internacional e inserção nas dinâmicas de disputa de poder político e econômico entre Washington, Pequim e Moscou (TEIXEIRA JÚNIOR, 2020a).

Haja vista este contexto de transição do ambiente de segurança global, os Estados Unidos, nos últimos anos, vêm acompanhado com apreensão as constantes mudanças na esfera de segurança internacional. Logo, os EUA têm atuado ativamente na contenção do desenvolvimento de ameaças aos seus interesses políticos e militares nas diferentes partes do mundo e, por extensão, segundo os próprios, resguardar a segurança global. Em 2015, o presidente Barack Obama aprovou um dos principais documentos que regem a atuação dos EUA na política internacional, o *The National Military Strategy*, o qual já apontava países como Rússia, Coreia do Norte, Irã e China como desafiantes estratégicos e ameaças à estabilidade os interesses nacionais do país, em diversas regiões do globo (BANDEIRA, 2021). Durante a administração Donald Trump (2017-2021) esse movimento de categorização de ameaças evoluiu para um quadro de três níveis de ameaças globais que operam de maneira transversal, tornando o ambiente da política internacional extremamente perigoso. Essas ameaças são, em ordem de relevância e prioridade de alocação de recursos militares: potências rivais como China e Rússia; *Rouge States*¹ como Irã e Coreia do Norte e, por último; ameaças oriundas de grupos transnacionais terroristas e criminosos, que, juntos, buscam minar os interesses americanos ao redor do mundo (ESTADOS UNIDOS, 2017).

Concomitantemente a esta dinâmica sistêmica, autoridades acadêmicas com foco nos estudos da relação geopolítica entre Estados Unidos e ALC, como o pesquisador da US Army War College,

¹ Também conhecido como *outlaw states*, *rogue state* é um termo aplicado a Estados que ameaçam a estabilidade e paz mundial, segundo o locutor.

Evan R. Ellis (2019), vinham alertando Washington de que a importância estratégica da região latino americana para os Estados Unidos era, desde que o foco dos esforços de segurança dos EUA migraram de questões como a Guerra contra as Drogas nos anos 1990 para o empreendimento da Guerra Global contra o Terrorismo no começo do século XXI, sistematicamente subestimada. Para Ellis, era apenas uma questão de tempo para que potenciais concorrentes, como China e Rússia, percebessem esta vulnerabilidade no aparato militar global dos Estados Unidos, como uma janela de oportunidade para desafiar a hegemonia estadunidense, próximo a suas fronteiras. Vulnerabilidade esta que ocorre em consequência da crescente restrição orçamentária destinada aos esforços de segurança hemisférica. Além disso, não passaria incólume para estes países que os Estados Unidos possuem tanto uma posição privilegiada na geopolítica global e como uma postura cada vez mais intervencionista frente às zonas de influência dos gigantes euroasiáticos .

O distanciamento geográfico do continente americano dos centros operacionais dos principais conflitos históricos e também atuais do tabuleiro internacional fazia e ainda faz com que os Estados Unidos pudessem sair praticamente ilesos desses grandes embates. Por outro lado, o comportamento cada vez mais assertivo dos Estados Unidos em zonas de constante conflito como o Leste Europeu e o Mar do Sul da China poderia provocar um sentimento de revanchismo por parte dos líderes sino-russos. Os EUA ainda são a maior potência militar global e possuem um dos mais avançados e letais sistemas de defesa do mundo, mas o mesmo não pode ser dito dos seus vizinhos localizados na América Latina e Caribe. ALC é inclusive uma das regiões mais “pacíficas” do mundo segundo dados que levam em consideração o baixo índice de conflitos inter-estatais (UCDO/PRIO, 2015). Ademais, importantes países da região como Brasil e Argentina fazem parte de iniciativas como a Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul (ZOPACAS), cujo objetivo é a desnuclearização dos seus países membros, criando assim uma zona livre de armas nucleares e armas de destruição em massa (BRASIL,2023). A relativa ausência de conflitos iminentes na região faz com que não exista tamanho aparato de defesa se formos comparar com a ALC, zona de influência dos EUA, com as suas homólogas europeia e asiática. O Brasil tem investido em projetos de anti-acesso e negação de área (A2/AD) como o projeto Astros (TEIXEIRA JÚNIOR,2020b), mas um longo caminho precisa ser trilhado para que a região assuma a mesma posição securitária que as áreas anteriormente mencionadas. Parte da dificuldade de tal planejamento está no convencimento tanto dos países que compõem a região como dos tomadores de decisão de Washington de que este empreendimento deveria ser uma prioridade em um cenário de segurança internacional cada vez mais caótico e complexo.

Especialistas de política internacional passaram a ser questionar quem tomaria para si o papel de advogar por uma ampliação do aparato de segurança na América Latina e Caribe no contexto do pós- Guerra Fria. Por um momento, durante o início do milênio, parecia que o Brasil tomaria para si este papel como parte da estratégia de inserção internacional do país. Esse movimento é ilustrado pela criação de iniciativas como o Conselho de Defesa Sul-Americano (CDS), que fazia parte do aparato institucional da União das Nações Sul-Americanas (UNASUL). Esse arranjo tinha como um dos principais intuítos o de tomar para si a soberania regional em termos de segurança. Contudo, importantes mudanças governamentais dos principais países membros junto com uma crescente instabilidade política e econômica que tomou os países latino americanos entre os anos de 2013 a 2014, fizeram ressurgir divergências regionais que tiveram como principal consequência a imobilização e por fim, esgotamento de tais esforços de integração regional.

Diante desse cenário de uma tentativa frustrada de protagonismo dos países latinos no que concerne a orientação dos esforços de segurança dentro do Panorama de Segurança Regional, os Estados Unidos, representado nesta esfera pelo United States Southern Command (USSOUTHCOM), vem aumentando a sua presença no Hemisfério Ocidental. Estaria o Southcom empreendendo uma campanha de retomada do protagonismo estadunidense na articulação do aparato de segurança regional da ALC. É justamente na tentativa de compreender como este Comando conseguiria convencer Washington, centro de tomada de decisão dos EUA, de que o mesmo deveria voltar uma maior atenção, em termos de segurança, para o Hemisfério Ocidental, que a presente investigação foi estruturada. Além disso, almejamos lançar luz sobre o cenário de segurança da América Latina como das etapas para compreensão das dinâmicas gerais da Segurança Internacional, e por extensão, das Relações Internacionais.

Ademais, o presente trabalho é um desenvolvimento do projeto de pesquisa “ O papel da América Latina na Estratégia de Segurança Nacional dos Estados Unidos na Administração Donald Trump” que tinha como principal objetivo o de compreender como o USSOUTHCOM, representando os interesses e metas estadunidenses para a região, percebia a ambiente de segurança da ALC. Parte desta curiosidade foi movida primeiramente pelo discurso assertivo do então presidente norte-americano, Donald Trump (2017-2020), e em segundo lugar, - e para os propósitos do nosso objeto de estudo, mais importante - pela mudança da liderança do Southcom, que foi chefiado entre os anos de 2019 a 2021 pelo Almirante da Marinha Craig Faller. A partir deste momento notamos uma mudança drástica no discurso do Comando frente ao Legislativo e

Executivo dos Estados Unidos. As declarações de Faller passaram a chamar a atenção de Washington para a crescente presença sino-russa na ALC, principalmente na Venezuela, país caribenho que vinha enfrentando uma grave crise política e econômica desde 2014. O governo de Nicolás Maduro, que já na Administração Obama fez com que a Venezuela fosse classificada como uma ameaça à Segurança Nacional dos EUA, dividiu a comunidade internacional no que concerne a legitimidade de sua posição de presidente, bem como gerou uma crise de imigração forçada em ano 2019, desestabilizando os demais países da região.

A crescente presença de potências extrarregionais como China e Rússia e de Rogue States como o Irã na Venezuela fizeram do país o centro das atenções estadunidenses no tabuleiro da ALC. O cenário da Venezuela como o centro do que o USSOUTHCOM intitulou de Ciclo Viciosos de Ameaças se completa em 2020, quando o regime Maduro, que já não era reconhecido pelos americanos, começou a ser vinculado a expressões como “Narco-Estado” (ARCE, 2020; INSIGHT CRIME, 2018), safe heaven do terrorismo extremista (FERREIRA, 2009) e principal oponente a visão de mundo americana no Hemisfério Ocidental. Esse cenário ganha ressonância no discurso do Southcom tanto sob a forma de *posture statements*² - documentos oficiais fruto de reuniões anuais dos Comandantes de Comandos Combatente Geográficos (CCG) perante o Congresso dos Estados Unidos - como em matérias e periódicos produzidos pela Revista Diálogos América - revista militar digital publicada pelo Comando do Sul dos EUA.

Acreditamos que na tentativa de elevar a relevância estratégica da região perante o Congresso e, portanto, aumentar o orçamento direcionado aos órgãos responsáveis pela manutenção da segurança regional, neste caso o Comando do Sul, os comandantes do Southcom vêm securitizando o que eles chamam de “círculo vicioso de ameaças” (CVA) na América Latina. O CVA é composto por Atores Estatais Extrarregionais (AEE), como China, Rússia e Irã; Organizações Extremistas Violentas (OEV) e Organizações Criminosas Transnacionais (OCT) que operam de maneira conjunta, em prol de avançar com seus próprios interesses e em detrimento dos objetivos e das pautas da agenda de segurança dos Estados Unidos para a região.

À luz da Teoria da Securitização, desenvolvida pela Escola de Copenhague, o presente trabalho busca investigar a ocorrência da securitização do ciclo vicioso de ameaças na Venezuela, objeto referente, por meio do discurso do USSOUTHCOM, agente securitizador, a partir

² Para mais informações, ver: <https://armedservices.house.gov/hearings/full-committee-hearing-us-military-posture-and-national-security-challenges-north-and-south>

Administração Donald Trump. Sob a seguinte hipótese iremos desenvolver a argumentação desta pesquisa: Através dos atos de fala como *posture statements*, declarações oficiais e artigos da revista *Diálogos América*, o USSOUTHCOM, nosso agente securitizador tenta retratar a Venezuela, objeto referente, sob o pretexto desta ser o centro do Círculo Viciosos de Ameaças, é uma ameaça existencial a segurança nacional do país perante o Congresso e Executivo dos Estados Unidos, a audiência em questão. Como ficará claro após a seção teórico-metodológica da pesquisa, estes - agente securitizador; objeto referente; audiência e atos de fala - são os quatro aspectos centrais para a ocorrência de uma securitização.

Na tentativa de responder a pergunta de pesquisa “Como se dá o processo de securitização da Venezuela como centro do Círculo Vicioso de Ameaças na América Latina e Caribe?”, o trabalho se divide em 3 capítulos. Sendo o primeiro deles sobre o aporte teórico-metodológico da pesquisa subsidiada pela estrutura analítica da Teoria da Securitização e com o complemento dos métodos de análise de discurso e estudo de caso. Já o segundo capítulo tem como objetivo situar o leitor do contexto geopolítico das relações entre Estados Unidos e América Latina e também versa sobre como o Southcom se insere dentro de uma lógica organizacional da burocracia militar norte-americana. Logo, as ações do Comando possuem consequências diretas nas dinâmicas de segurança regional mas tem possuem um impacto indireto no âmbito doméstico dos Estados Unidos ao refletir as relações de grupos de poder e sua influência frente os tomadores de decisão de Washington. Por fim, o capítulo 3 tem um cunho mais empírico e busca apresentar dados coletados a partir da análise do discurso do comando tanto sob a forma de *posture statements* como em artigos publicados por sua revista militar concluímos como o estudo de caso da Operação Ampliada Contra-Narcóticos de abril de 2020.

2. APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO

Segundo Hessen (2006), sem teoria não existiria nada além de descrições e sem a metodologia não é possível transformar a teoria em uma análise. Portanto, foi com o intuito de esclarecer e apresentar o aporte teórico-metodológico da presente investigação que esta sessão foi escrita. Dessa maneira, o primeiro passo para compreendermos como ocorreu o processo de securitização do CVA na Venezuela é entender o que é a Teoria de Securitização (TS) e onde ela se situa dentro dos chamados Estudos de Segurança Internacional (ESI). Por fim, concluímos o capítulo com uma breve descrição da metodologia e métodos empregados no decorrer da presente investigação.

2.1 A Escola de Copenhague

A Escola de Copenhague (EC) surgiu nos anos 1990, em meio aos intensos debates acerca da ampliação do escopo dos estudos da Segurança Internacional. Segundo um dos fundadores da EC, Barry Buzan, os ESI emergiram a partir de debates sobre como proteger o Estado contra ameaças internas e externas no período posterior à Segunda Guerra Mundial. Ademais, especialistas apontam que a gênese dos ESI estaria posicionada dentro do paradigma realista das Relações Internacionais e, por este motivo, a visão predominante naquele momento e o que hoje é considerada como a visão tradicionalista dos Estudos de Segurança, tinham o Estado como o principal objeto de análise. Inclusive, era sobre a visão de que o Estado era visto como a melhor maneira de proteger os demais objetos de referência, que emergiu a expressão “segurança nacional” que será bastante citada ao longo do presente trabalho tendo em vista que esta é uma das expressões mais utilizadas pelos países no que se refere aos princípios que regem todo o seu aparato de segurança estatal. Ademais, vale frisar que, durante a Guerra Fria, a noção de “segurança nacional” passou a abranger a ideia de nação bem como de segurança de Estado, assim como estava atrelada a questões de ameaças internas e externas (BUZAN, HANSEN, ANO 2012,p.33-37).

Logo, a segurança nacional deixou de estar voltada apenas para questões como conter revoltas internas e garantir a seguridade dos limites territoriais de dado país para tratar ameaças advindas de potências externas e ideologicamente opostas, e portanto, hostis ao modo de vida daquela sociedade. Em suma, a área de segurança passou a tratar de assuntos que vão além do setor militar e da questão do uso da força. Em virtude deste movimento, que teve início nos anos 80 e ganhou força na década de 1990, a Segurança Internacional passou por uma ampliação do escopo dos

debates acerca do que constitui o conceito de segurança. No desfecho do século XX, o campo de segurança foi capturada pelo embate entre duas correntes, os tradicionalistas e os ampliadores, como denominadas pelos criadores da Teoria da Securitização. O último grupo é formado por linhas de pesquisas distintas como o Construtivismo, a Perspectiva Feminista, Estudos Críticos de Segurança, os Pós-colonialistas e os Pós-estruturalistas.

Como frisado tanto por Buzan (et al. 1998) como Motta (2018), o surgimento das abordagens pós-positivistas no campo das Relações Internacionais têm argumentado sobre a falha de análises que desconsideram a história bem como aspectos mais subjetivos, dentre estes identidade e percepção, como fatores analíticos relevantes. Posteriormente, tais aspectos passaram a ser incorporados em um campo que antes era orientado por uma concepção de segurança focada na avaliação das capacidades objetivas dos Estados. Esse debate se enquadra dentro da distinção epistemológica central dos ESI, que divide o campo em três concepções de segurança diferentes: as objetivas, as subjetivas e a discursiva. A divisão da epistemologia dessas correntes pode ser melhor visualizada na tabela abaixo. (MOTTA, 2018, p.8-9; BUZAN, HANSEN, 2012, p.67-69).

Figura 1 - Tabela com as três principais concepções epistemológicas de segurança

TABELA 2.1. DISTINÇÕES EPISTEMOLÓGICAS		
CONCEPÇÕES OBJETIVAS	CONCEPÇÕES SUBJETIVAS	CONCEPÇÕES DISCURSIVAS
A ausência/presença de ameaças concretas	A sensação de estar ameaçado ou não	Segurança não pode ser definida em termos objetivos
Geralmente definem a segurança em termos materiais relativos	Enfatizam o contexto social, a história e as psicologias do medo e as percepções (errôneas)	Segurança é um ato da fala
	Mantêm uma referência objetiva	Concentram-se no processo intersubjetivo, através do qual as "ameaças" se manifestam como problemas de segurança na agenda política

Fonte: BUZAN;HANSEN, 2012, p.69

A concepção objetiva seria guiada por critérios como os de racionalidade instrumental dos atores e capacidades militares materiais, enquanto as abordagens subjetivas defendem que, no

mínimo, a concepção objetiva deveriam ser complementada por fatores não materiais, como a cultura das forças armadas; o nível de coesão nacional e normas sobre o uso legítimo de armamentos químicos. Tanto os fatores materiais quanto os ideológicos impactam os recursos militares que os Estados possuem à sua disposição. Em contrapartida, as abordagens discursivas defendem que a segurança não pode ser definida por termos objetivos, ressaltando então que tanto as abordagens objetivas como subjetivas estariam equivocadas (MOTTA, 2018, p.8-9; BUZAN, HANSEN, 2012, p.67-69).

É nesse contexto que a Escola de Copenhague surge como a defensora de que a segurança seria na verdade um ato de fala, pois, ao falarmos segurança, o representante estatal estariam declarando uma condição de emergência, reivindicando para si o direito de utilizar quaisquer meios necessários para barrar o desenvolvimento de uma ameaça. Para a abordagem discursiva, da qual a Teoria da Securitização faz parte, a compreensão de como se dá o processo pela qual “ameaças” se manifestam como problemas de segurança dentro da agenda política de um país seria um fator central para a análise de segurança. Vale salientar também que “ameaças”, nesse sentido, são “objetivas” quando aceitas por atores políticos significativos, e não por possuírem uma posição ameaçadora inerente. Em suma, a segurança é, para os teóricos discursivos e da securitização, uma prática auto referencial, ou seja, é na prática que uma questão se tornar um problema de segurança - problema este que se refere a uma ameaça existencial que não necessariamente existe mas que é apresentada e aceita como tal. (MOTTA, 2018, p.8-9; BUZAN, HANSEN, 2012,p.67-69; BUZAN, et al, 1998, p. 24).

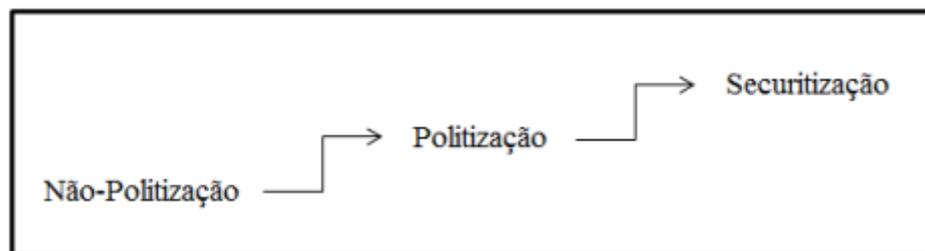
2.2 A Teoria da Securitização

No que se refere a Teoria da Securitização (TS), o livro “Security: a new framework of analysis”, escrito pelos membros da EC, Barry Buzan, Ole Waever e Jaap de Wilde e publicado no ano de 1998 é a obra que inaugura essa nova abordagem. Os próprios autores destacam no capítulo introdutório da obra que a TS tinha como objetivo ser um meio termo ou uma terceira via dentro do debate entre tradicionalistas e ampliadores do conceito de segurança. Nesse sentido, os autores concordam com o argumento dos tradicionalistas de que a ampliação do escopo dos estudos de segurança para questões além do setor militar e da centralidade do Estado poderiam gerar dentro do campo uma incoerência intelectual sobre o que se constitui o seu conceito central. Entretanto, eles discordam dos tradicionalistas sobre como esta questão deve ser abordada, sendo assim, contrários à confinação da segurança a apenas um escopo de análise. Para especialistas na TS como Motta, a

abordagem dos autores foi bem sucedida ao abrir espaço para novas agendas sem deixar de lado a perspectiva tradicionalistas, bem como inseriu novas ontologias e epistemológicas dentro de sua análise, tais quais o papel do discurso e de novos agentes não estatais no sistema internacional. Esse movimento permitiu uma melhor compreensão sobre como nascem e morrem as ameaças no campo de segurança, além de conferir maior visibilidade a essas novas vertentes (MOTTA, 2018,p.9-10).

Segundo Motta (2018), o conceito de securitização pode ser explicado enquanto um movimento discursivo que pretende apresentar uma ameaça que deve ser combatida com o uso de medidas excepcionais. Esta invocação da segurança seria a chave para a legitimação do uso da força, abrindo caminho para a mobilização do Estado ou de poderes especiais para lidar com tais ameaças existenciais. Para a EC, ameaças existenciais só podem ser entendidas dentro do contexto de um objeto referente específico. Portanto, quanto às medidas emergenciais estariam relacionadas ao processo de politização, a ameaça existencial estaria dentro do processo de securitização. Para fins de melhor compreensão dos graus de classificação de ameaças, veja a tabela abaixo (MOTTA, 2018, P.11; BUZAN et al, p.21) .

Figura 2 - Esquema baseado no modelo construído por Buzan



Fonte: Motta, 2018, p.21

Para a TS, uma questão de segurança ou ameaça se situa dentro da agenda política de um determinado ator em uma escala que varia desde o não politizado, quando uma questão de se encontra fora das discussões e decisões política; do politizado, quando uma questão é identificada pelo ator como um assunto a ser tratado por meio de políticas públicas; até a securitização, que se dá quando há a necessidade de ultrapassar a esfera norma de decisões políticas e avançar no sentido de adoção de medidas excepcionais sobre uma situação específica. Logo, a securitização pode ser vista como uma versão mais extrema da politização (MOTTA, P.13-14; BUZAN et al, 1998, p.23).

Além disso, a EC também trabalha com uma abordagem multissetorial da segurança que divide a análise em cinco setores: o setor militar, no qual o objeto referente é geralmente o Estado, embora isso possa variar para outros tipos de entidades políticas e as ameaças tendem a ser tradicionalmente definidas em termos militares; setor político, no qual as ameaças são definidas em termos de princípio constitucional do Estado, no qual os autores destacam a soberania, que pode ser ameaçada existencialmente por qualquer discurso que trata de temas como reconhecimento, legitimidade ou a autoridade do governo; o setor econômico, no qual os objetos referentes e as ameaças existenciais são mais difíceis de serem identificadas; o setor societal, no qual os objetos referentes são entidades coletivas em grande escala que podem funcionar como um Estado independente, uma nação ou religião; o setor ambiental, no qual a extensão de possíveis objetos referentes tende a ser mais ampla, variando de assuntos mais concretos como a sobrevivência de espécies individuais ou tipos de habitats, para conceitos mais abstratos e confusos como a manutenção do clima do planeta. Essa expansão dos setores na análise de segurança é percebida pelos autores como um processo dinâmico constituído pelas relações agente-estrutura (MOTTA, P.13-14; BUZAN et al, 1998, p.23).

Esses setores seriam “visões do sistema internacional por lentes que destacam um aspecto específico de uma relação ou interação dentre todas as unidades que compõem o sistema”. Logo, a função analítica dos setores seria a de diferenciar tipos de interação. Desse modo, a TS ressalta que segurança de fato significa a sobrevivência diante de uma ameaça existencial, porém o que constitui uma ameaça existencial difere de acordo com o setor que estamos observando (BUZAN et al, 1998, p. 27). Com a finalidade de enquadrar a presente análise na estrutura fornecida pelo TS, salientamos que o setor tratado ao longo do artigo será o setor militar, dado a natureza também militar de nosso ator securitizador, o Comando do Sul dos Estados Unidos.

Segundo a *framework* proposta pela teoria da securitização, para que esse fenômeno ocorra é preciso a presença de, pelo menos, quatro variáveis: objeto referente; agente securitizador; audiência e ato de fala. As três primeiras categorias são melhores explicadas no seguinte trecho da obra de Motta sobre as variáveis do processo de securitização:

Em resumo, o objeto referente é aquilo que é percebido por um ou mais atores como uma ameaça, representando, portanto, o objeto a ser securitizado; o agente securitizador, por sua vez, é o ator que, por meio do discurso, tentará apresentar o objeto referente como uma ameaça, buscando assim, uma autorização da audiência para adotar medidas emergenciais;

já a audiência é o *locus* capaz de legitimar ações excepcionais para assim promover uma conclusão -bem ou mal sucedida - desse processo (MOTTA, 2018, p. 11).

A EC se refere ao discurso de segurança como aquele que apresenta uma questão como algo de suprema prioridade, logo, a melhor maneira de estudar e analisar o processo de securitização seria por meio do estudo do discurso, nosso principal método de análise, e o estudo das constelações políticas presentes ao longo deste processo. Nesse sentido, quando um ator securitizador faz uso da retórica da ameaça existencial que eleva uma questão a algo que transborda a lógica política cotidiana, nós temos um caso de movimento de securitização. Portanto, o que difere um movimento de securitização de uma securitização bem sucedida é a aceitação da audiência de que o problema apresentado de fato constitui uma ameaça existencial. Para os teóricos da securitização, se não existir um sinal de aceitação por parte da audiência, o processo de securitização não está completo. Processo este que se categoriza como uma teoria da linguagem chamada de *speech act* ou ato de fala (BUZAN et al,p.24-26; MOTTA,p.15).

O ato de fala, ou *speech act*, seria para esta teoria a elocução que, dotada de força discursiva, pode ou não produzir convencimento acerca da emergência da ameaça apresentada. Nossos atos de fala serão, principalmente, o pronunciamento dos Comandantes do Southcom perante o Congresso americano, que serão complementadas por pronunciamentos dos mesmos no site oficial do Comando e no site do Departamento de Defesa, bem como nos artigos publicados na revista *Diálogos*, periódico semestral publicado e divulgado de maneira online pelo Comando do Sul. Este último possui um diferencial, pois, o forte teor ideológico presente nos artigos publicados serve como uma maneira de legitimar perante a população civil bem como tomadores de decisões dos Estados Unidos as operações do Comando na ALC.

Uma das principais críticas a teoria da securitização da EC foi feita por Thierry Balzacq (2011). A crítica é direcionada à questão de que o discurso por si só teria força discursiva. Em oposição a essa perspectiva, Balzacq propõe uma visão sociológica do processo discursivo e encara a segurança como um processo pragmático que faz parte de uma conjuntura social. Logo, a linguagem geraria uma sucessão de consequências não somente devido ao ato de fala, mas também em razão de uma conformação de práticas, contextos e poder. Se levarmos em consideração as relações de poder e dominação estabelecidas entre os Estados Unidos e os seus vizinhos latino americanos, podemos perceber que mesmo que a ALC seja uma região de baixa prioridade emergencial para os EUA se comparado a questões mais latentes como a guerra na Ucrânia e o

constante conflito no estreito de Taiwan, a importância geopolítica de se manter sempre presente na região latina nunca será subestimada pelo governo americano.

2.3. Metodologia de pesquisa

O presente trabalho consiste num Estudo de Caso, no qual o fenômeno a ser analisado é a reação dos Estados Unidos à confluência de ameaças regionais e extrarregionais na América Latina, sua zona de influência tradicional e delimitação espacial do estudo em questão. Tendo como ponto de partida as decisões tomadas durante a administração Trump, a delimitação temporal se dá entre os anos de 2017 a 2022, abrangendo o governo Trump como um todo e os reflexos deste período na dinâmica do Southcom nos primeiros anos da administração John Biden. Com enfoque qualitativo e ênfase descritiva e analítica, o objeto de estudo será explorado e investigado por intermédio da análise de conteúdo de fontes documentais apoiados por embasamentos teóricos e da literatura especializada. Ao todo foram analisados cinco *posture statements* e cerca de 280 artigos da revista militar digital “Diálogo Américas”.

Os procedimentos de pesquisa foram divididos em 5 etapas: a revisão da literatura teórica base acerca da Teoria da Securitização; seleção e revisão da literatura especializada sobre o ambiente de segurança da América Latina e as relações geopolíticas entre América Latina e Estados Unidos; levantamento do material documental de estratégia de segurança e defesa dos Estados Unidos e coleta de dados acerca do objeto referente na revista Diálogo Américas; análise das informações extraídas das fontes anteriormente citadas, possibilitando que ao final fosse possível ser feito um balanço da reação dos Estados Unidos aos desafios presentes no panorama de segurança regional da América Latina e Caribe por meio da análise do discurso do Southcom.

3 CONTEXTO GEOPOLÍTICO

3.1. A Segurança Nacional, o Hemisfério Ocidental e a Doutrina Monroe: a Evolução da Estratégia de Segurança dos Estados Unidos

Segundo May³ (apud OLIVEIRA, 2009), o conceito de segurança nacional não acompanhou toda a história dos Estados Unidos tendo começado a figurar dentre os documentos oficiais somente a partir da Segunda Guerra Mundial, sendo fortemente influenciado pelo ambiente da política internacional no período pós-guerra. Antes disso, a política externa dos EUA era orientada fundamentalmente pelo isolacionismo, evitando o envolvimento nas disputas entre potências europeias e focando sua atenção em conflitos em suas fronteiras internas (AYERBE, 2002, p. 50). Somente a partir de 1823, com o estabelecimento da Doutrina Monroe é que temos uma primeira expressão oficial de que a defesa do isolamento em relação à Europa passa a ser estendida ao conjunto hemisférico. Logo, o entendimento da segurança do território dos Estados Unidos passaria a estar ligado à segurança de outros Estados americanos (OLIVEIRA, 2009; AYERBE, 2002).

Nessa época os EUA não possuíam capacidades reais de impedir a intervenção dos poderes europeus no Hemisfério Ocidental mas foi um primeiro sinal das intenções intervencionistas do país no território que compreende as Américas. Todavia, no período que compreende 1880-1930, os Estados Unidos começam a emergir como uma das grandes potências do sistema internacional da época, o que significou a princípio um fortalecimento do seu poderio em âmbito regional. Segundo John Mearsheimer (2014, p.138-141), uma das estratégias empreendidas por grandes potências que buscam a maximização do seu poder é o de atingir a posição de hegemonia na sua região do mundo, ou seja, a busca pela categoria de potência regional. Por conseguinte, as grandes potências devem também impedir que potenciais rivais de alcançar o posto de potência regional e também impossibilitar a qualquer custo que *peer competitors*⁴ possam prejudicar sua hegemonia por meio da interferência na balança de poder do seu *backyard* ou área de influência.

³ Para mais informações, ver: MAY, Ernest. National Security in american history. In: ALLISON, Graham; TREVERTON, Gregory F. Rethinking america's security: beyond cold war to new world order. New York: W.W. Norton, 1992.

⁴ Uma nação ou coalizão rival com a motivação e capacidades de contestar os interesses dos Estados Unidos em uma escala global(GOLDMAN; HALBERT, 1998). Para mais informações, ver: GOLDAMAN, Alan R; HALBERT, Gerald A. Will America Be Prepared For Its Next Peer Competitor? Association of the United States of America Army, Institute of Land Warfare: Landpower Essay Series, n. 98-1, fev. 1998. Disponível em: <https://www.ausa.org/sites/default/files/LPE-98-1-Will-America-be-Prepared-for-Its-Next-Peer-Competitor.pdf>

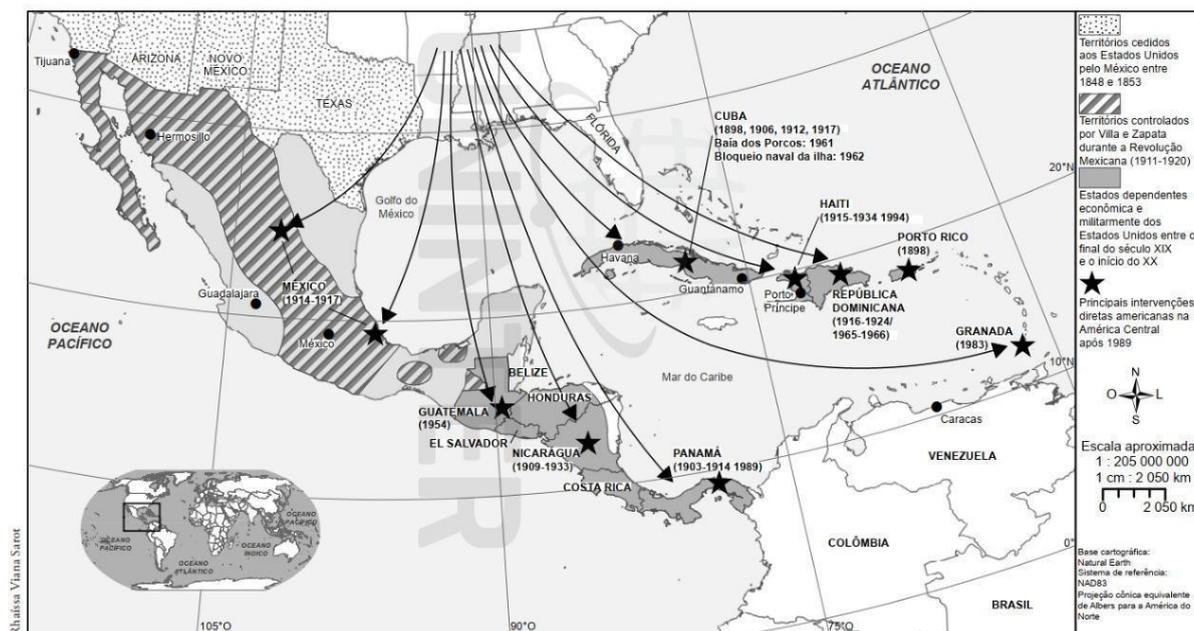
Também é desse período a obra do oficial da marinha dos Estados Unidos Alfred Thayer Mahan “The influence Sea Power Upon History (1890)⁵, a qual detalha que os EUA deveriam eclipsar a Marinha britânica no hemisfério ocidental e promover a expansão de suas forças navais e frota mercante de modo a projetar poder (OLIVEIRA,2009). Em sua geoestratégia, Mahan afirmava que os Estados Unidos possuíam uma condição estratégica ímpar em sua posição insular. Logo, a distância dos grandes centros de tensão mundial, sua condição bioceânica e um relativo controle e estabilidade de suas fronteiras internas não justificaria aos EUA que iniciasse um processo de expansão para além de sua área de influência imediata. Em vista disso, a América Latina e o Caribe passaram a ser o principal teatro de operações da “fortaleza americana” de forma a possibilitar o alcance da posição de hegemonia regional (TEIXEIRA JÚNIOR, 2017, p.115).

O final da Primeira Guerra Mundial marcou a ascensão dos EUA como a primeira potência econômica do planeta, logo os estadunidenses passaram a ter condições econômicas de implementar os princípios estabelecidos pela Doutrina Monroe. Portanto, a segurança americana só poderia ser garantida com a segurança do hemisfério ocidental (OLIVEIRA, 2009; TEIXEIRA JÚNIOR, 2017). Quando a Segunda Guerra Mundial eclodiu, os Estados Unidos não possuíam forças armadas de grande porte, que consistiam basicamente em uma grande Marinha e um Exército minúsculo pelos padrões europeus. Foi durante o governo de Roosevelt que o país se preparou para entrar no conflito e saiu mais uma vez de uma Guerra Mundial fortalecido. Foi esse fortalecimento da posição americana perante o sistema internacional que consolidou na elite política do país a impossibilidade do retorno da política isolacionista que estava em vigor antes da Primeira Grande Guerra. A guerra causou intensas mudanças no aparato diplomático, expansão das forças armadas e da presença militar americana ao redor do mundo que culminou na aprovação da Lei de Segurança Nacional de 1947 (UNITED NATIONS INTELLIGENCE COMMUNITY, 1947). Essa lei foi responsável pela criação do Conselho de Segurança Nacional (NSC⁶) que passou a coordenar os elementos políticos, estratégicos e a burocracia civil e militar que estavam encarregadas da elaboração e condução da política externa e de segurança do país (OLIVEIRA, 2009).O mapa a seguir mostra a postura expansionista dos EUA durante o período de 1898-1983, responsável pela mudança da sua situação geopolítica e do *status* do poderio americano

⁵ Para mais informações, ver: MAHAN, Alfred T. Influence of Sea Power Upon History, 1660-1783. New York: Little and Brown, 1980. Disponível em domínio público.

⁶ Sigla em inglês.

Figura 3 : Mapa de Intervenções militares dos Estados Unidos na América Latina (1898-1983)



Fonte: TEIXEIRA JÚNIOR, 2017.

Essa mudança do cenário internacional que levou ao envolvimento dos Estados Unidos em assuntos além do contexto regional das Américas também foi acompanhado na escola da geopolítica clássica pelo pensamento do geoestrategista Nicholas Spykman. Para ele, os Estados Unidos deveriam adotar uma concepção intervencionista das relações internacionais de modo a impedir o fortalecimento de potências inimigas que seria a base da política de Contenção empregada durante a Guerra Fria. Nesse período o pensamento de Spykman serviu de inspiração direta para o redirecionamento da política externa dos EUA realizado pelo então assessor de Segurança Nacional do governo Carter (1977-1981) Zbigniew Brzeziński. Essa mudança do foco das atenções dos americanos para a região que compreende a Eurásia teria sido responsável pela subordinação de regiões como o Hemisfério Ocidental e a Oceania para a periferia geopolítica global (BANDEIRA, 2018, p. 32).

Contudo, segundo Noam Chomsky (2003, p. 46) a Guerra Fria para os Estados Unidos teria sido na verdade uma guerra contra o Terceiro Mundo. Como comprovação do seu argumento, Chomsky relembra que o Secretário de Defesa do governo Bush, Dick Cheney, descreve lugares como América Latina e Ásia como um palco provável de conflitos. Nesse sentido, os EUA deveriam estar preparados para Conflitos de Baixa Intensidade, envolvendo ameaças de ordem inferior como

o terrorismo, a subversão, a insurgência e o tráfico de drogas. Esse tipo de conflito envolve uma luta de princípios e ideologias rivais abaixo do nível da guerra convencional. Logo, de forma a defender o acesso dos EUA aos recursos naturais dessas regiões bem como as instalações americanas vitais baseadas nesses locais tais quais bases militares, era preciso reprimir esses conflitos. Para isso seria necessário manter a estrutura de força americana em serviço ativo por meio da capacidade de projeção de força militar, com flexibilidade para reagir aos conflitos em todo o espectro de violência no globo inteiro (CHOMSKY, 2003). Tendo em vista o cenário atual que é denominado por alguns especialistas como “Segunda Guerra Fria” (MONIZ BANDEIRA, 2018) e por outros como volta da competição geopolítica entre grandes potências (TEIXEIRA JÚNIOR, 2020), pode-se perceber uma mudança clara no cenário de segurança global.

3.2 O Southcom na Estrutura Hierárquica do Departamento de Defesa dos EUA

O primeiro passo do presente estudo de caso foi o de buscar compreender a fundo o que é o USSOUTHCOM, onde o Comando se insere dentro da estrutura hierárquica estadunidense e que documentos estratégicos guiam as operações realizadas pelo quartel-general. O USSOUTHCOM também conhecido como Comando Combatente do Sul ou simplesmente Comando do Sul é um quartel-general sediado na cidade de Miami, no estado da Flórida e faz parte de uma estrutura militar mais ampla denominada de Comandos Combatentes Unificados (CCU). Esses comandos respondem a doutrina estabelecida pelo Plano de Comando Unificado (PUC) que é coordenado pelo Comando Maior do Exército dos Estados Unidos (Joint Chief of Staff) e é considerado uma herança da atuação militar dos EUA durante a Segunda Guerra Mundial (COLE, 2003). Desde então, os americanos concebem a sua presença militar global como uma das bases fundamentais para a sua capacidade de projeção de força em qualquer parte do globo.

Esses Comandos Combatentes se dividem em dois tipos, os Comandos Combatentes Funcionais, que possuem missões específicas e cuja atuação não se restringe a determinadas áreas geográficas; e os Comandos Combatentes Geográficos, que atuam na preservação dos interesses nacionais e em prol dos objetivos de segurança regionais estabelecidos pela National Security Strategy (NSS) dentro de uma área específica denominada de Área de Responsabilidade (AOR)⁷

⁷ Segundo o Dicionário de Termos Militares e Associados do Departamento de Defesa dos EUA a definição de Area of Responsibility (AOR) é: área operacional definida pelo comandante das forças terrestres e marinhas e que deve ser grande o suficiente de forma possibilitar a realização das missões e proteger as forças alocadas (ESTADOS UNIDOS, 2021).

(COLE, 2003). Abaixo o mapa com delimitação das AORs dos Comandos Geográficos bem como a área de atuação dos Comandos Funcionais.

Figura 4 - Mapa com a distribuição geográfica dos Comandos Combatentes dos Estados Unidos



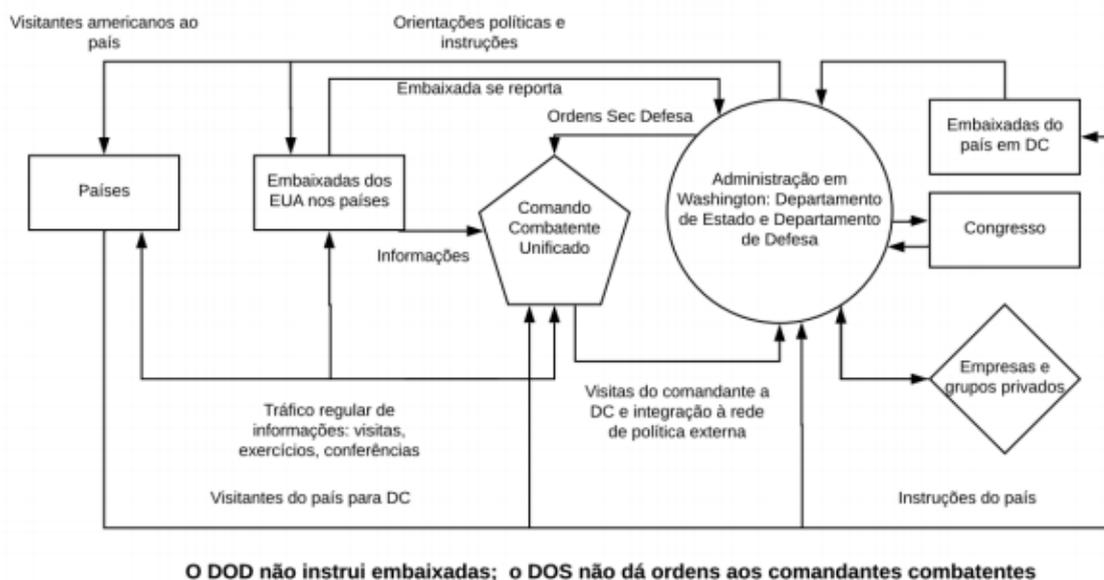
Fonte: Relatório Fiscal de 2020 do Departamento de Defesa dos Estados Unidos.

Por que estudar o USSOUTHCOM é importante para entender a agenda de segurança dos Estados Unidos para a América Latina assim como a sua política externa para a região? Para responder a essa pergunta, precisamos voltar para o período pós-guerra e para o processo de alargamento do aparato burocrático estadunidense que se deu por meio da Lei de Segurança Nacional de 1947, como dito anteriormente, e aprofundado deste pela reorganização do DoD em 1958. Essa reorganização unificou todo o processo de planejamento militar e da atuação das forças combatentes, resolvendo disputas internas entre as forças terrestres, marítimas e aéreas e criando uma hierarquia de comando que ia desde Presidente como Chefe das Forças Armadas que atuam através do Secretário de Defesa sob o aconselhamento do Chefe do Comando Maior (CRS 2013; Forner, 2020).

Essas leis institucionais tiveram como principal consequência o aumento no número de agências federais que foi acompanhada pelo incremento da presença internacional das mesmas. O

DoD além de se destacar por sua extensão sem precedentes no âmbito federal, incorporou mecanismos de participação internacional paralelos que não necessariamente perpassam o canal do comando da agência diplomática. Nesse sentido, estruturas institucionais como bases militares e Comandos Combatentes (COCOMs) facilitam o acesso geográfico do aparato militar às demais porções do globo terrestre, sem precisar reportar-se a agências civis. Os fluxos de comunicação entre os centros decisórios, em Washington, e os entrepostos militares - COCOMs sobre o controle do DoD - e embaixadas -sobre o controle do Departamento de Estado (DoS) - segue padrões semelhantes para todos os Comandos Geográficos. Essas inferências levam especialistas como Clarissa N. Forner (2020) a concluir que é possível observar “duas políticas externas” em curso nos Estados Unidos entre os Departamentos de Defesa e do Estado. Logo, examinar a política externa dos Estados Unidos sem compreender a fundo o papel desempenhado pelo SOUTHCOM na mesma seria uma tarefa inconclusa. Abaixo temos o diagrama elaborado por Forner em sua tese sobre as duas políticas externas dos Estados Unidos.

Figura 5: As duas políticas externas dos Estados Unidos



Fonte: Adaptado de Marks (2014, p.238)

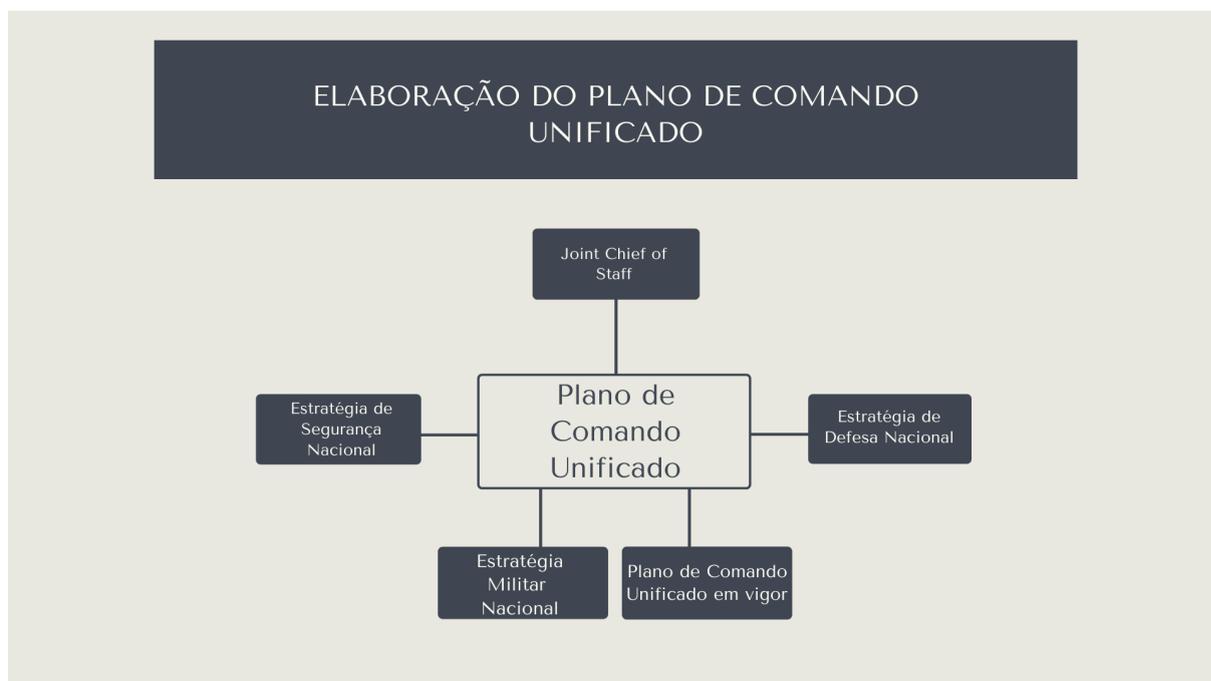
Fonte: FORNER, 2020.

É o Congresso americano que possui autoridade constitucional sob a elaboração da política militar estadunidense tanto no âmbito doméstico como em solo estrangeiro, além de controlar o orçamento de cada um desses Comandos. Nesse sentido, o analista do *Congressional Research Service*, Andrew Feickert (2013), atenta para o fato de que uma ala do Congresso americano se preocupa que os Comandos Combatentes tenham tornado a política externa americana “muito militarizada”. Isso provavelmente refletiu nos orçamentos destinados aos Comandos durante a administração Obama, principalmente aqueles como o SOUTHCOM que atuam em áreas que eram consideradas de baixa prioridade estratégica para a segurança nacional.

O PUC é adaptado ao ambiente estratégico constantemente, levando em consideração as mudanças tecnológicas e as lições aprendidas por falhas na organização do comando como, por exemplo, durante a Guerra do Vietnã em que foi constatado que arranjos complexos e muito complicados poderiam afetar a operacionalidade das missões das forças atuantes. (COLE,2003). Abaixo temos um diagrama dos documentos que são levados em consideração pelo Chefe do Comando do Estado Maior (*Joint Chief of Staff*) durante a elaboração do Plano de Comando Unificado, processo que ocorre a cada dois anos. Devido a limitações operacionais, a análise

presente neste relatório possui como base na NSS de 2017, único dos documentos citados abaixo que não são classificados como sensíveis de acordo com a Lei de Segurança Nacional e, portanto, único documento disponível de forma integral para a apreciação do público civil.

Figura 6 - Processo de Elaboração do Plano de Comando Unificado



Fonte: Autora. Adaptado do relatório do Congressional Research Service, 2013.

3.3 O Southcom e a Política de Segurança dos Estados Unidos para a América Latina

O USSOUTHCOM é classificado como um Comando Combatente Geográfico cuja Área de Responsabilidade começa na fronteira do sul do México e compreendendo todos os Estados da América Central e do Sul, as águas adjacentes dos Oceanos Pacífico e Atlântico assim como o Mar do Caribe. A área é composta, no total, por 31 países e 16 áreas de soberania especial.

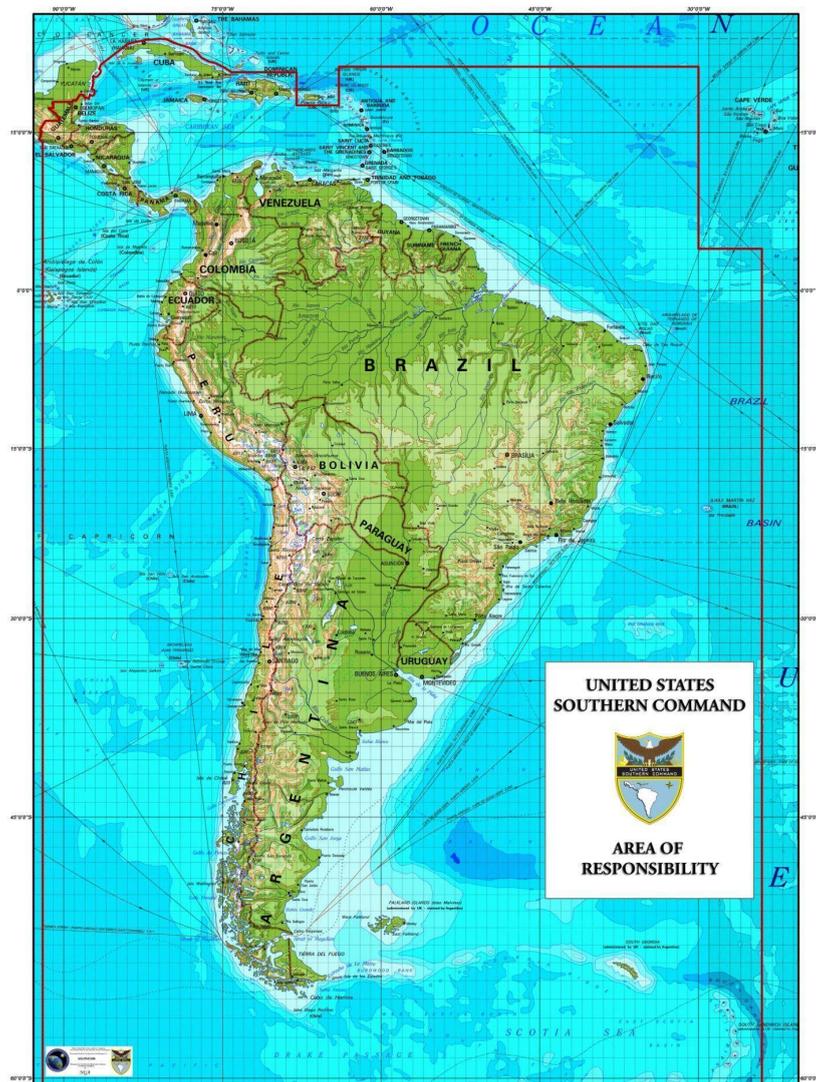
O começo da história do SOUTHCOM, assim como os demais Comandos Combatentes, remonta da época da Segunda Guerra Mundial. Conhecido naquela época como Comando de Defesa do Caribe, ele era localizado no Panamá e estabelecia missões de treinamento militar por toda a América Latina, assim como era responsável pela distribuição de equipamento militar para os países aliados da região por meio de *Lend Lease Programs*. Em 1947, a localização do quartel general do Comando foi alterada do Panamá para o estado da Flórida, nos Estados Unidos (USSOUTHCOM,2021;Congressional Research Service, 2020).

Durante a Guerra Fria o Comando tinha como responsabilidade principal a de conter a influência da União Soviética na região da América Latina. Depois do fim do embate com os soviéticos, as prioridades estratégicas dos EUA para a região se voltaram para operações de contenção e contra narcóticos e missões de assistência humanitária (Congressional Research Service, 2020). Sem a ameaça representada pela presença soviética, o controle e postura dos Estados Unidos perante seus vizinhos hemisféricos nas décadas seguintes foi consideravelmente “abrandado”. Com exceção da aliança entre Estados Unidos e Colômbia contra as narcoguerrilhas, a falta de suporte a insurgências marxistas em países como Peru, Nicarágua e El Salvador enfraqueceram os movimentos, diminuindo a sua importância estratégica para os EUA, o qual reagiu reduzindo o auxílio oferecido aos governos desses países em ações no combate à ameaça soviética na região. Desde então, a América Latina e Caribe têm recebido uma porção relativamente mínima dos recursos alocados mundialmente pelo Departamento de Defesa (ELLIS,2019).

Dentro da agenda de segurança estadunidense muito é discutido sobre a proteção oferecida pela dissuasão nuclear (*deterrence*) e da necessidade de auxiliar países parceiros e aliados a desenvolverem suas capacidades militares de forma a proteger a segurança internacional (ESTADOS UNIDOS, 2014). No entanto, segundo o pesquisador especialista em América Latina da *US Army War College*, Evan R. Ellis (2016), Os Estados Unidos ao optar por direcionar grande parte do seu aparato militar para áreas distantes do Hemisfério Ocidental, se apoiando no fato da relativa ausência de ameaças que demandem atenção emergencial das forças dos EUA na América Latina, ocasionou em uma nova vulnerabilidade de segurança para os Estados Unidos. Abaixo temos o mapa da Área de Responsabilidade do Southcom.⁸

⁸ Para mais informações sobre a história do USSOUTHCOM, ver: <https://www.southcom.mil/About/>

Figura 7 - Mapa da Área de Responsabilidade do Comando do Sul



Fonte: Site do Comando do Sul

Atualmente o Comando segue três objetivos estratégicos estabelecidos pela NSS de 2017: o fortalecimento de parcerias; a contenção de ameaças; e a construção de capacidades. Quanto ao primeiro objetivo, podemos destacar parcerias tanto com outros países e agências da região em questões como: a construção de instituições e capacidades de segurança próprias desses Estados, assistência humanitária e auxílio em situações de desastres naturais bem como o foco primordial do avanço na preservação dos direitos humanos. A questão de contenção de ameaças refere-se ao aumento da cooperação e compartilhamento de informações com aliados e parceiros para o entendimento e neutralização de organizações criminosas transnacionais, organizações violentas extremistas assim como atores malignos. Por último, a construção de capacidades do comando

refere-se tanto ao treinamento do seu efetivo altamente competente e a educação desses sobre a história e cultura da região como a capacidade desse efetivo de mudar de operações de batalha para tarefas de cooperação de segurança em tempo hábil (Congressional Research Service, 2020). Segue abaixo uma tabela que resume os objetivos estratégicos que são traduzidos como linhas de atuação do Southcom na sua AOR.

Figura 8: Tabela com as Linhas de Esforços do Comando do Sul

<h2>Linhas de Esforço do Southcom</h2>		
Fortalecimento de Parcerias	Combate de Ameças	Construir nosso Time
Construindo a Capacidade de Parceiros Assistência Humanitária Alívio em Casos de Desastres Naturais Direitos Humanos Programa de Parceria dos Estados da América Latina e do Caribe Programa Mulheres, Paz e Segurança (WPS) CBSI Assistência Técnica à Times em Campo (TAFT) Cooperação Público-Privada	Conter Organizações Criminosas Transnacionais Campanha Martillo Localizações de Cooperação em Segurança Operações de Suporte de Inteligência Militar	Preparação para Situações de Estabilidade e Crise Treinamento e Educação das Forças Operantes

Fonte: Autora. Adaptado das informações do site do Comando do Sul

Enquanto quartel-general, o Southcom é a instalação que acomoda o Comandante em exercício e sua equipe. Todavia, o seu efetivo é formado por mais de 1,200 militares e civis que compõem as forças do comando (exército, marinha, força aérea, corpo dos fuzileiros navais, guarda costeiras) e outras agências federais que trabalham com colaboração com o Comando, por exemplo, a Drug Enforcement Administration (DEA) (ESTADOS UNIDOS, 2021). Abaixo temos o símbolo de cada um desses componentes que formam o Southcom.

Figura 9: Componentes do USSOUTHCOM



Fonte: Autora. Adaptação das informações do site do Comando do Sul (ESTADOS UNIDOS, 2021).

3.4 O dilema de segurança venezuelano e a América Latina como novo polo de disputa por influência entre Estados Unidos, Rússia e China

Segundo Moniz Bandeira (2018), ainda durante a Guerra Fria o então assessor de Segurança Nacional do governo Carter (1977-1981) Zbigniew Brzezinski redirecionou a política externa dos Estados Unidos direcionando as atenções norte-americanas para a Eurásia. Essa mudança de foco no direcionamento da política externa subordinou regiões como o Hemisfério Ocidental e a Oceania para a periferia geopolítica global. No entanto, como a América Latina é comumente considerada a zona de influência tradicional dos Estados Unidos e foi geopoliticamente conectada ao país norte americano pela Doutrina Monroe por grande parte dos séculos XIX e XX, a região foi utilizado pela União Soviética como uma forma de pressionar o seu rival no seu próprio backyard e o a região latino-americana foi palco do episódio de maior tensão da Guerra Fria que ficou conhecido como a crise dos mísseis em Cuba. Esse episódio mostra a importância da estabilidade do Hemisfério Ocidental para a manutenção da segurança dos Estados Unidos e da necessidade da presença estadunidense na região de forma a impedir que a esta se tornasse uma vulnerabilidade a ser explorada por um possível rival no futuro. No entanto, com o colapso da União Soviética e o fim da ameaça comunista na região, a importância estratégica desta para os EUA foi consideravelmente

reduzida. Desde então, a América Latina tem recebido uma porção relativamente mínima dos recursos alocados mundialmente pelo exército norte-americano (ELLIS,2019).

Com o cenário da eclosão da crise econômica e política da Venezuela, as atenções da comunidade internacional se voltaram para a América Latina mais uma vez. O ápice da crise se deu entre 2018 e 2019, mas antes disso, precisamos voltar um pouco no tempo para melhor entender a importância desse caso para a compreensão da dinâmica de segurança latino-americana, assim como o processamento da disputa por influência entre as grandes potências em tabuleiros geopolíticos “secundários”. Quando assumiu o poder no começo deste século, o antigo presidente da Venezuela, Hugo Chávez, tinha ambições de tornar o país caribenho em uma potência militar, o que o levou a seguir um audaz plano de modernização das forças armadas e do arsenal militar do país (IISS, 2018). Problemas como o crescente envolvimento da ala militar em assuntos políticos e o abrupto declínio nas capacidades operacionais impediram a conclusão da implementação do plano vislumbrado por Chávez (IISS,2018).

Contudo o que de fato comprometeu não só as aspirações militares venezuelanas como também a sua capacidade de projetar poder de forma efetiva na região foi a dependência da economia do país do setor petrolífero. Retornando ao pensamento de Waltz, para que um país possa empreender uma estratégia de maximização de poder é preciso primeiro garantir a sua sobrevivência. Um dos princípios básicos delimitados pelo autor como forma de garantir a sua segurança é a de que em estruturas de organização anárquicas como o sistema internacional, o grau de especialização funcional deve ser necessariamente baixo, pois o país deve ser capaz de sustentar a sua autonomia dentro do sistema haja vista a condição de que ele só pode contar consigo mesmo para garantir a sua sobrevivência. Em face do cenário de crescente globalização característico da atual ordem mundial, a cooperação e a interdependência dos atores se tornam inevitáveis, porém, a lógica de Waltz de que maior interdependência significa maior vulnerabilidade ainda se faz relevante (DINIZ, 2007).

Esta vulnerabilidade do país caribenho foi seriamente agravada com a crise no preço do barril de petróleo de 2014 que fez a Venezuela entrar numa espiral de recessão econômica sem precedentes na história do país. As relações entre Estados Unidos e Venezuela começaram a se deteriorar em 2013 com a ascensão de Nicolás Maduro à presidência, afetando ainda mais a economia venezuelana tendo em vista que os Estados Unidos era o principal parceiro comercial da Venezuela. Desde 2009 o Government Accountability Office (GAO) havia detectado sinais de

envolvimento de membros do alto escalão do governo Maduro com atividades de entidades transnacionais de crime organizado e narcotráfico, mas apenas em 2015 a Casa Branca declarou que estava investigando membros do governo com possível envolvimento com atividades ilícitas, dentre eles, o presidente do congresso venezuelano, Diosdado Cabello, considerado o segundo homem mais poderoso do país na época. Isso ocorreu pouco depois dos Estados Unidos sancionarem sete membros do governo sob acusações de violações dos direitos humanos (MEACHAM, 2015) além de declarar oficialmente a Venezuela como uma ameaça à segurança nacional dos EUA, com uma ordem executiva assinada pelo então presidente Obama (MASON, RAMPTON, 2015).

Esse acirramento das relações de Caracas e Washington levaram a Venezuela a fortalecer ainda mais sua relação com a Rússia (IISS, 2016) e também com a China. Como citado na introdução do relatório, os Estados Unidos têm se posicionado de forma cada vez mais assertiva em regiões que são contestadas por Moscou e Pequim como suas áreas de influência. A crescente imposição de sanções por parte dos americanos a Venezuela e da pressão de Washington para que seus aliados regionais e mundiais, como a União Europeia, também sancionaram o país caribenho numa tentativa de isolá-lo política e comercialmente apenas fez com que Maduro se aproximasse ainda mais da Rússia e da China, que viram nesse contexto de crise uma janela de oportunidade perfeita para contrabalançar a crescente interferência dos EUA em suas zonas de influência. Essa relação Caracas – Moscou – Pequim atendeu aos interesses da Venezuela que precisava de empréstimos de forma a controlar a crescente crise dentro de seu território e também para custear os altos investimentos feitos por Chávez na sua tentativa de modernizar as forças armadas venezuelanas.

Adotando uma tática de transferências de custo ou buck-passing, a Venezuela transferiu para Rússia e China os custos do balanceamento contra os EUA na região, numa tentativa de sobreviver ao isolamento regional que lhe foi imposto. Caracas, ao se alinhar com Moscou e Pequim, estaria abrindo mão de uma grande parcela de sua autonomia enquanto Estado, cedendo aos dois países o controle das suas principais empresas estatais, especialmente empresas do setor petrolífero, que como foi discutido anteriormente, constitui o setor mais importante da economia venezuelana. Ao assumir as grandes dívidas de Caracas, a China e principalmente a Rússia teriam uma oportunidade de balancear a atuação dos EUA e criar um sistema de contenção próximo à fronteira norte-americana. Em 2019 a polarização das grandes potências em apoio ou contestação da manutenção do governo do presidente Nicolás Maduro tornou ainda mais evidente o grau de

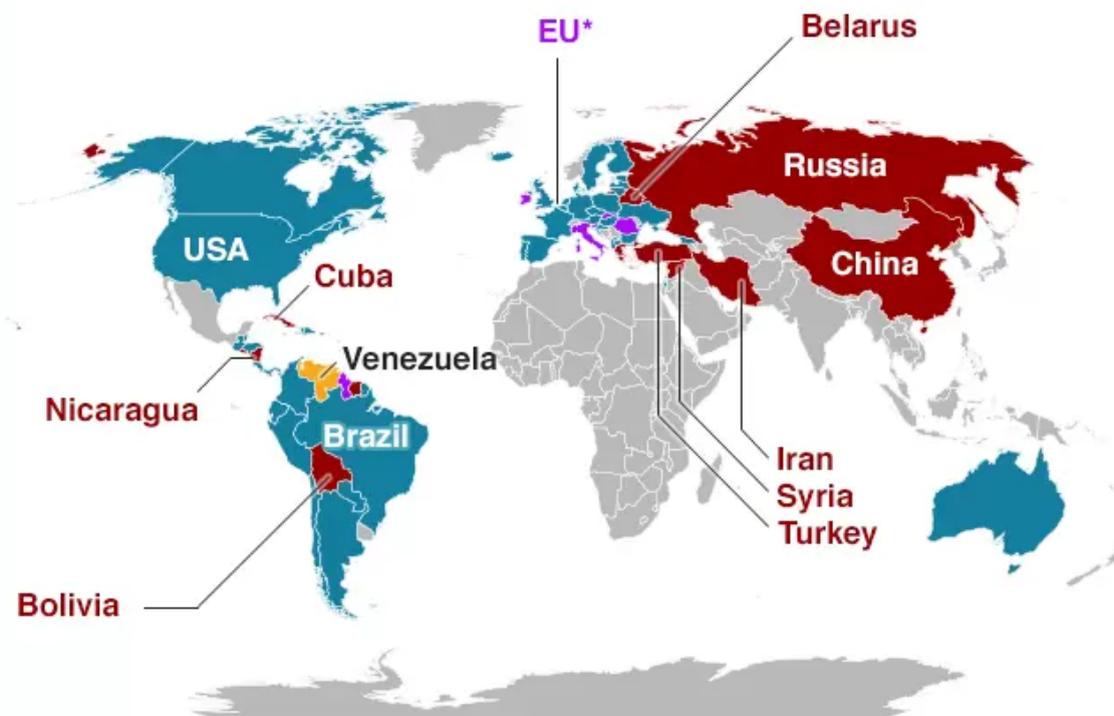
internacionalização da crise da Venezuela. O risco de uma escalada dessa disputa por influência entre grandes potências no país caribenho para um conflito armado propriamente dito gerou preocupações tanto regionais como internacionais sobre a região.

Outro momento crucial para o acirramento das relações políticas entre Washington e Caracas foi a polêmica por trás da eleição de 2018 para presidência da Venezuela. Devido há uma série de denúncias acerca da perseguição de partidos opositores do então presidente Maduro, além de alegações de fraudes eleitorais, a re-eleição de Nicolás Maduro em 2018 teve a sua legitimidade contestada. Os Estados Unidos, principal país a se opor às medidas governamentais de Maduro, não reconheceu a eleição de 2018 e ,em janeiro de 2019, declararam reconhecer Juan Guaidó, líder da extinta Assembleia Nacional da Venezuela e principal opositor político de Maduro no país, como presidente interino da república venezuelana. Como um instrumento de pressão política que fez parte da chamada diplomacia coercitiva da gestão Trump, os Estados Unidos liderou uma campanha internacional em prol do isolamento político e econômico de Maduro e em prol do reconhecimento de Guaidó como presidente interior de outros países, principalmente seus aliados da Europa Ocidental e da América Latina e até órgãos multilaterais importantes como a Organização dos Estados Americanos (OEA)(BBC, 2019a; BBC, 2019b).

Figura 10: A polarização internacional em torno da presidência da Venezuela em 2019

Where do countries stand on Venezuela?

- Support Maduro
- Recognise Guaidó as interim president
- Calling for new elections



*The EU has called for new elections but some individual member countries have expressed their preferences.

Data as of 12:00 GMT 5 Feb 2019

BBC

Fonte: BBC (2019).

Acima temos um mapa com dados coletados durante o ano de 2019, que ilustra o grau de polarização internacional diante do reconhecimento ou não da legitimidade da eleição de Maduro. Diante de todo esse contexto da crescente atuação extra-regional na Venezuela e por consequência, na América Latina, nos questionamos como a região é incorporada no discurso de segurança dos Estados Unidos, ponto este que será melhor abordado no próximo capítulo

4 ESTUDO DE CASO: O CÍRCULO VICIOSO DE AMEAÇAS DA VENEZUELA À LUZ DO DISCURSO DO USSOUTHCOM

4.1 OS *POSTURE STATEMENTS* COMO ATOS DE FALA

Durante a análise de documentos como os pronunciamentos do Comandante Craig Faller perante o Congresso e notícias pontuais no site do comando ou do Departamento de Defesa focamos na análise de como os Estados Unidos vem percebendo o ambiente de segurança latino americano e possíveis mudanças nesse cenário.

Antes do Comandante Almirante Craig Faller assumir o comando do Southcom durante a gestão do ex-presidente Donald Trump, o comando do sul era chefiado pelo também Almirante de 4 estrelas, Kurt W. Tidd. Durante o seu pronunciamento perante o Congresso americano em 2016, Tidd falou sobre como atuar de forma “costumeira”, mesmo com o histórico de eficiência da equipe do Southcom na sua atuação interagencial e em cooperação com aliados regionais, não seria o suficiente para combater essas ameaças transregionais (TIDD, 2016). A partir desse momento, percebemos um ponto de virada no discurso do Comando do Sul quando a postura das forças armadas americanas em solos latino e caribenho. A partir da administração Faller, notamos que as ameaças percebidas no ambiente de segurança da América Latina por administrações anteriores como crime organizado transnacional, presença de grupos terroristas e atuação sino-russa⁹ tomavam um novo grau de seriedade e complexidade e, portanto, passariam a exigir mais planejamento e investimento dos estrategistas americanos em suas respostas a tais ameaças. Esse era um primeiro sinal de que havia uma mudança de pensamento e planejamento estratégico em curso no Comando do Sul que tomou grande força durante a gestão Craig Faller (2019-2021) culminando na *Counter-Narcotics Operations* de 2020.

No seu primeiro pronunciamento em 2019, Faller inicia falando sobre como o trabalho feito pelo Southcom visa proteger o território americano e promover a segurança e estabilidade regionais. Embora outras regiões sejam mais proeminentes na política externa e na agenda de segurança nacional dos Estados Unidos, a América Latina e o Caribe fazem parte da região mais conectada à sociedade norte-americana tornando essas sociedades intrinsecamente relacionadas à prosperidade e segurança dos Estados Unidos. Nesse sentido, o Comandante ressalta que não existem problemas

⁹ Informação extraída do Posture Statement do Admiral Kurt W. Tidd, ex-comandante do Southcom, perante o Congresso dos Estados Unidos em março de 2016.

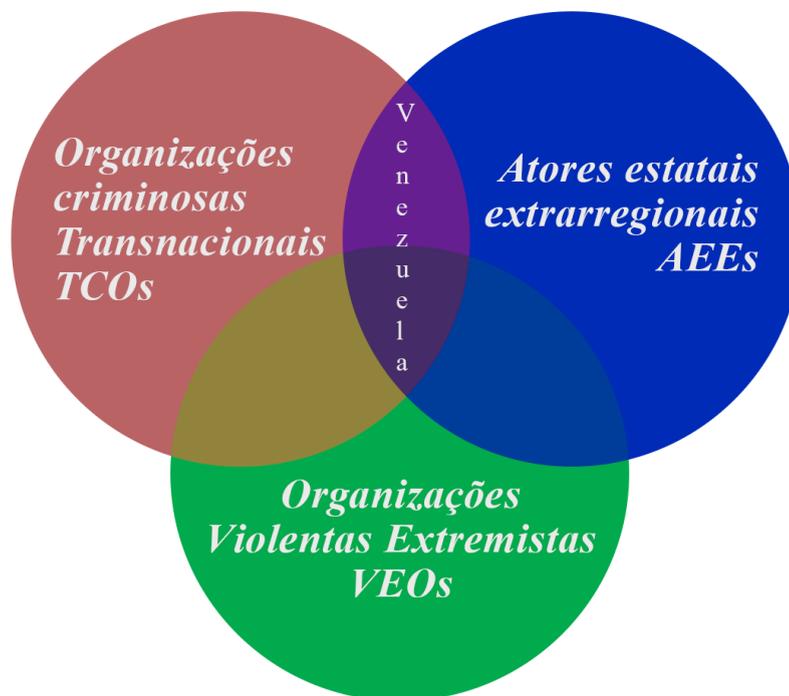
puramente latino americanos pois quaisquer ameaças à segurança da região também são potenciais ameaças à segurança do território estadunidense. Essa declaração remete a relação histórica entre as Américas, marcada pela Doutrina Monroe e guiada por conceitos como o de segurança hemisférica (FALLER, 2019).

Essas redes de ameaças operam de forma agressiva através das fronteiras e fazem uso da porosidade das fronteiras em áreas específicas para transportar indivíduos de todas as partes do mundo¹⁰ que podem explorar as vulnerabilidades de segurança da região numa tentativa de entrar ilegalmente no país. Além disso, atores extrarregionais como China, Rússia e Irã visam expandir sua influência na região como forma de desafiar a ordem internacional e os princípios democráticos da transparência, boa governação e sob o aparato da lei e com o agravante de atuarem em um território geograficamente muito mais próximo de suas fronteiras estadunidenses (TIDD, 2017).

Em um desenvolvimento do conceito de rede de ameaças, Faller introduz em 2020 o conceito de círculo vicioso de ameaças que estaria deliberadamente erodindo a estabilidade e segurança da região. Esse círculo vicioso é inserido dentro de uma realidade marcada pelos problemas de jovens democracias, geralmente com uma governança fraca e uma estrutura legal porosa exacerbada pela propensão das TCOs de ostensivamente patrocinar a corrupção presentes nesses Estados, atores Estatais extrarregionais (China e Rússia) e organizações extremistas violentas (VEOs) que buscam avançar com seus interesses próprios em detrimento da segurança dos Estados Unidos e de seus países parceiros. Esse ciclo vicioso continuaria a afetar negativamente a população americana por meio da imigração ilegal e tráfico de drogas ilícitas. Os impactos negativos desses atores também se estendem às estruturas democráticas dos países do Hemisfério Ocidental que sofrem com a corrupção endêmica acentuada pela presença de Estados competidores, em especial países como Cuba, Venezuela e Nicarágua (FALLER, 2020).

¹⁰ No documento original, o comandante relata que esses indivíduos formam um grupo heterogêneo que possuem origens e objetivos diferentes tais quais: fugir de conflitos e de situações de insegurança, a procura de oportunidades econômicas e outros com possíveis conexões com grupos terroristas (ESTADOS UNIDOS, 2017).

Figura 11: Círculo Vicioso de Ameaças da América Latina



Fonte: Elaborado pela autora. Adaptado do Pronunciamento do Almirante Craig Faller perante o Congresso dos Estados Unidos da América (FALLER, 2020).

Como mencionado anteriormente, é o Congresso que possui a autoridade constitucional de elaborar a política militar e de controlar o orçamento de cada um dos Comandos Combatentes espalhados pelo globo. Por este motivo, é o Congresso que consideramos como nossa principal audiência, pois, para que o Southcom possa realizar as atividades militares emergenciais, como argumentamos que ocorreu durante a operação de 2020, é preciso que os tomadores de decisão acreditem na veracidade da ameaça emergencial apresentada. O sucesso da securitização depende de como Washington percebe o discurso do Comando e autoriza a alocação de recursos solicitada.

Como podemos ver no gráfico a seguir, o Southcom sai da posição, apontada pelo ex-comandante General Kelly, de Comando Geográfico com menor orçamento em 2014 - da casa dos 191,7 milhões de dólares (ESTADOS UNIDOS, 2016) - passando por um pico de 424.2 em 2017, coincidindo com o primeiro ano da gestão Donald Trump¹¹ e evoluindo para um crescimento

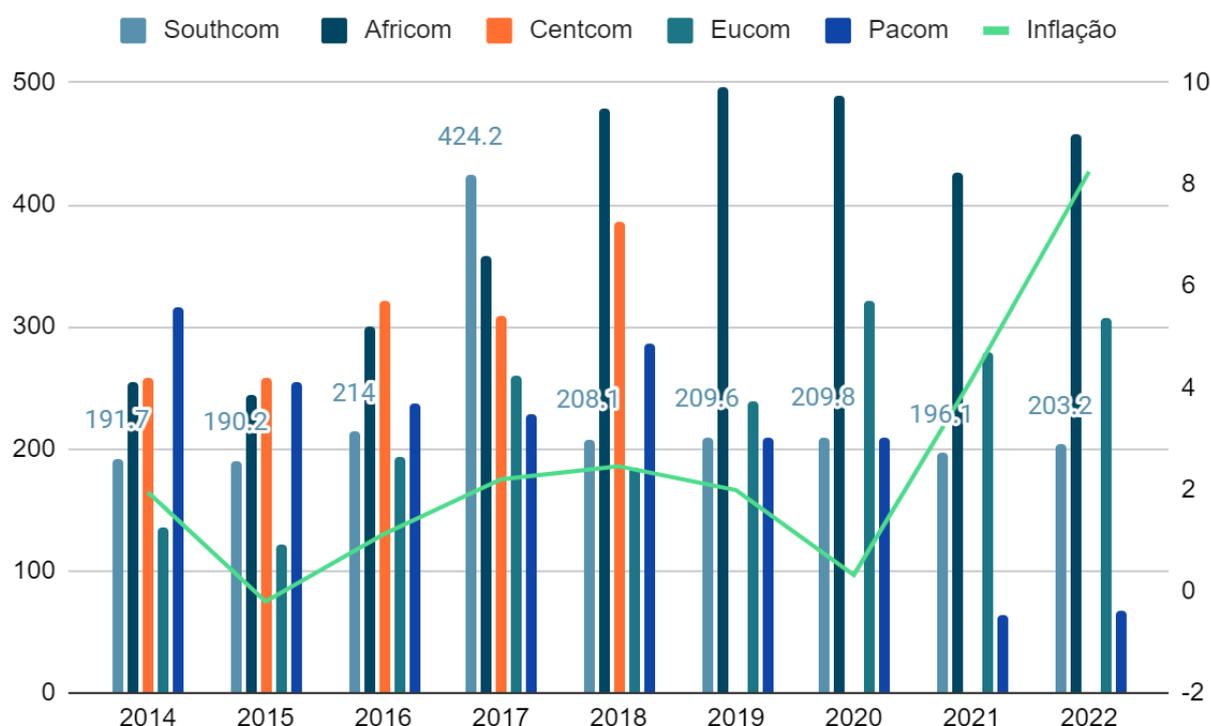
¹¹ O Orçamento Fiscal do Departamento de Defesa bem como os demais Departamentos que compõem o governo dos Estados Unidos é aprovado no ano anterior ao ano que se refere. Portanto, o orçamento de 2017 foi aprovado ainda

estável a partir do ano de 2018, já na administração Trump e anterior ao auge da crise na Venezuela. Os anos de 2021 e 2022 quebram a sequência de crescimento estável do orçamento do comando, mas pode estar relacionada à realocação de recursos devido à pandemia global de Covid-19. Ademais, achamos válido fazer uma comparação do orçamento anual acrescido da taxa de financiamento de operações militares em solo estrangeiro (OCO, na sigla em inglês) com a taxa de inflação anual dos Estados Unidos, de maneira a verificar se a taxa que corresponde ao poder de compra do país teria algum impacto concreto no orçamentos aprovados pelo Senado. Como é possível visualizar no gráfico, não parece existir uma correlação forte da taxa de inflação anual do país com o valor do orçamento dos Comandos Combatentes. Inferimos isto, pois, o orçamento se manteve estável independente do aumento significativo da taxa de inflação entre 2021 e 2022 e o mesmo não teve alteração significativa no ano de 2020, quando a taxa de inflação estava cerca de 7,93% mais baixas¹². De toda forma, o Southcom parece, segundo dados oficiais, ter convencido a sua audiência principal, o Congresso, acerca da necessidade de um aumento no orçamento para que o Comando pudesse lidar com a intensificação da complexidade do ambiente de segurança latino-americano. Mas para que possamos de fato enquadrar o fenômeno estudado como uma securitização, a ameaça precisa ter uma caráter emergencial. Por este motivo, acreditamos, como ficará claro na sessão do análise da Operação Ampliada Contra Narcóticos de 2020, que o contexto do círculo vicioso de ameaças acrescido da pandemia possa ter sido uma conjuntura favorável ao discurso do Comando de que a Venezuela seria uma ameaça emergencial em questão. De toda forma, reiteramos que não é objetivo do presente trabalho analisar os pormenores da política orçamentária de defesa dos Estados, os dados fornecidos no gráfico abaixo são de caráter informativo e ilustrativo de uma possível ressonância do discurso dos Estados Unidos em sua principal audiência, o Congresso, fortalecendo nossa hipótese de estarmos presenciando um processo securitário por parte do USSOUTHCOM.

durante a gestão Obama. Todavia, o número levado em conta é o número do orçamento base aprovado acrescido do valor adicional para o financiamento das chamadas *Overseas Contingency Operations (OCO)*, que são as operações militares em solo estrangeiro. Para mais informações, ver: <https://comptroller.defense.gov/Budget-Materials/>.

¹² Para mais informações, ver: <https://pt.tradingeconomics.com/united-states/inflation-cpi>

Figura 12: Gráfico do orçamento do Southcom em comparação com os demais Comandos (2015-2023)



Fonte: Autora. Informações adaptadas dos Relatórios Fiscais de 2015-2022 do Departamento de Defesa dos Estados Unidos.

Se analisarmos os dados do relatório fiscal do Departamento de Defesa na seção direcionada a interdição de drogas e operação contra-narcóticas, podemos observar que o orçamento se manteve estável entre 2015 e 2017 (variando entre 509,5 milhões em 2015 para 521,6 milhões em 2017), diminuiu entre 2018 e 2019 e atinge o pico de 745,3 milhões em 2020, ano da operação analisada (ESTADOS UNIDOS, 2015; ESTADOS UNIDOS 2017; ESTADOS UNIDOS, 2019; ESTADOS UNIDOS, 2020). Esses números corroboram com a hipótese de que o comando tem se utilizado da natureza emergencial das operações contra-narcóticas durante a pandemia para viabilizar a securitização do ambiente de segurança da América Latina, com foco na região do Mar do Caribe.

Diante de um cenário na política internacional em que grandes potências como Estados Unidos, Rússia e China estão entrando em uma nova fase de competição, as dinâmicas de segurança de cada região serão impactadas e impactaram esse embate global, assim como ocorreu no período da Guerra Fria. O que a presente pesquisa busca analisar é como, diante desse contexto mais amplo

de embate entre grandes potências, os Estados Unidos, sob a figura do Comando do Sul, enxerga as mudanças no ambiente de segurança da região que considera sua zona de influência clássica. A seguir iremos destrinchar como, por meio do discurso, o Comando do Sul articulou os interesses e objetivos de diferentes atores com o terrorismo extremista religioso, crime organizado transnacional e potências rivais como Rússia, China e Irã, dentro do que eles chamaram de “círculo vicioso de ameaças” de maneira a legitimar o processo de securitização da questão perante os tomadores de decisão norte-americanos.

4. 2 O CÍRCULO VICIOSO DE AMEAÇAS NA VENEZUELA COMO OBJETO REFERENTE

Para melhor compreensão acerca do que se trata o nosso objeto referente, o círculo vicioso de ameaças, analisamos cerca de 280 artigos que versavam sobre um dos 3 componentes do círculo - Atores Estatais Extrarregionais; Organizações Terroristas Extremistas e Organizações Criminosas Transnacionais- que tivessem alguma interseção ou não com a Venezuela, de maneira a criar um panorama de como CVA é percebido pelo Comando. A escolha dos artigos da revista militar organizada pelo comando se dá devido à falta de notícias que versavam especificamente sobre o objeto referente no site oficial do Southcom, que se atém a reportar apenas as atividades mais cotidianas do comando, como visitas oficiais a países parceiros e exercícios militares conjuntos.

4.2.1 ATORES ESTATAIS EXTRARREGIONAIS: CHINA, RÚSSIA E IRÃ

Segundo o criador do conceito de ciclo viciosos de ameaças, o Almirante Faller, no seu primeiro pronunciamento perante o congresso americano em 2019 ele afirma que seis atores estatais - Rússia, China, Irã e seus aliados autoritários em Cuba, Nicarágua e Venezuela - formam um sistema de ameaças interrelacionadas que desafiam a segurança do Hemisfério Ocidental. Nesse contexto, a Rússia e a China estariam tentando expandir sua influência no hemisfério como uma maneira de desafiar os interesses regionais dos Estados Unidos. A Rússia faria isto por meio da propagação da desinformação, coleta de inteligência sobre os EUA e projeção de poder por meio do comércio de armas e a China utilizaria práticas comerciais e financeiras nocivas. Segundo a sua subsequente no cargo de comando do Southcom, a General Richardson, “ a China está jogando xadrez, enquanto a Rússia está jogando damas” no que se refere a suas estratégias de tons respectivamente de longo e curto prazo de expansão de influência e poder dentro da região

(OMMATI, 2022a). Além desses, o aumento das atividades do Irã enquanto “Estado líder no patrocínio do terrorismo no mundo” também seria um dado preocupante (FALLER, 2019).

Segundo o especialista em América Latina da Escola de Guerra dos Estados Unidos, R. Evan Ellis, a República Popular da China (RPC) está tentando "restabelecer" a região para o seu próprio benefício econômico, garantindo o acesso a recursos naturais importantes e aos mercados e capturando o valor agregado para si, focando principalmente em áreas da “conectividade” Ou seja, além de está fazendo diversos investimentos no setor portuário, com empresas chinesas envolvidas em mais de 40 grandes projetos, assim como projetos de infraestrutura, pode-se perceber um aumento da participação chinesa na área de tecnologia e telecomunicações, com o crescimento da presença da empresa Huawei e o desejo de Xi Jinping de dominar as redes de 5G na região (ELLIS,2022a).

Já na área de segurança, a RPC seria, assim como a Rússia, um importante fornecedor de recursos militares para a América Latina. Dentre esses recursos temos, caças, aviões de transporte e radares para a Venezuela, helicópteros para a Bolívia e caminhões militares para o Equador. Além disso, o exército chinês, já possui dentro da sua estratégia de segurança, esboços de como a ALC poderia ser empregada como um teatro de operações importante numa guerra futura. Por esse motivo, todo o conhecimento coletado pelas autoridades chinesas por intermédio dessas relações militares e comerciais com os países latinos seria uma fonte de preocupação para o alto comando militar dos Estados Unidos (ELLIS, 2022a).

Como uma grande potência econômica que é, a China faz uso do seu capital comercial e financeiro por meio de fornecimento de empréstimos e investimentos altíssimos em países cujo governo autoritário é rechaçado e sancionado pela comunidade internacional como é o caso de países como Venezuela. Através dessas relações comerciais a China, Rússia e o Irã conseguem fazer com que o regime venezuelano consiga se esquivar das sucessivas sanções econômicas e isolamento político do qual é alvo, principalmente, desde a eleição de Maduro em 2019, e são considerados os atores que mantém esse regime autoritário de pé e “criminosos” como Maduro no poder. Todavia, esse interesse pela manutenção do regime Maduro não acontece sem segundas intenções por parte dos seus aliados (ELLIS, 2022a).

No caso da RPC, a Corporação Nacional de Petróleo da China (CNPC) estaria no meio do processo de reativação das operações na Venezuela que, com a nova legislação energética outorgada

por Maduro, viabilizaria um maior controle dos atores internacionais das operações da empresa estatal venezuelana. Nesse processo, a Venezuela aumentaria suas exportações de petróleo por meio de transferências entre embarcações, apesar do embargo dos Estados Unidos. Segundo a agência britânica *Reuters*, em julho de 2021, houveram mais de 28 carregamentos de produtos brutos e refinados, dos quais 80% eram destinados a países asiáticos. Ademais, a *Bloomberg* alertou sobre a possibilidade da produção da CNPC na Venezuela ser exportada para China como uma maneira de cobrir a dívida bilionária que o regime Maduro adquiriu com o seu aliado chinês ao longo dos anos (PELCASTRE,2021a).

Devido à crise econômica gerada pela pandemia da COVID-19, pode-se notar uma baixa nos investimentos chineses na ALC. Todavia, essa redução não significa uma diminuição da presença asiática na região. Segundo especialistas, a nova estratégia da RPC não abandonaria os investimentos e empréstimos em andamento, mas sim direcionaria esses recursos para a criação de uma infraestrutura hemisférica que faria uso de padrões, regulamentos e sistemas da cadeia de abastecimento, tornando as economias latinas cada vez mais dependentes da tecnologia chinesa. Nesse sentido, os esforços estratégicos da China na região concentravam-se nos aspectos centrais para o controle do acesso à infraestrutura tecnológica regional (FARAH; RICHARDSON, 2022).

Como alertava o ex-comandante do Southcom, as empresas estatais e privadas da China frequentemente exploram a corrupção generalizada na região, para escapar das regras ambientais (apud PELCASTRE, 2021). Nesse contexto, a crescente presença chinesa na ALC aceleraria a deterioração do meio ambiente por meio do aumento da contaminação de águas limpas e o esgotamento de recursos não renováveis, devido ao uso insustentável e crescente demanda por tais recursos por parte de Pequim. Em vista disto, o aumento da pesca ilegal por parte de embarcações chinesas tem se tornado um das maiores preocupações do Comando do Sul em relação a segurança hemisférica. Para o Comando, a pesca ilegal não declarada e não regulamentada (IUU na sigla em inglês) estaria absolutamente ligada a RPC. Segundo dados coletados pela equipe do quartel-general em colaboração com aliados regionais, a China obtém 36% de suas fontes de alimentação da região latino americana. Esse problema afeta principalmente a economia e os oceanos de países como Argentina e Equador que, em cooperação com as forças armadas norte-americanas, vem aumentando o aparato legal de controle e combate à IUU (DELGADO, 2022a).

Os navios chineses que operam na América Latina, são, em sua maioria, embarcações pesqueiras especializadas na pesca de lulas e se diferenciam das demais embarcações pela prática de

desligar o sistema de detecção como maneira de evitar sua identificação por parte das autoridades. A China possui uma extensa frota de pesca em águas distantes, com quase 800.000 embarcações, sendo assim a maior do mundo (PELCASTRE, 2022a). No começo de junho de 2022, o Ministério de Relações Exteriores do Equador fez uma declaração sobre a chegada de vários navios chineses. Segundo os dados do governo, cerca de 180 embarcações se aproximaram de sua zona econômica exclusiva (ZEE), próximo das ilhas de Galápagos (DIÁLOGO, 2022a).

Esse movimento representa uma ameaça em diversos níveis para os governos dos países afetados e, por consequência, para os Estados Unidos. Primeiramente, temos o grande impacto ambiental, já que a natureza não regulamentada da frota traz à tona a problemática de que não existem informações disponíveis sobre quanto e como a pesca foi realizada. Há também um impacto econômico nas comunidades costeiras dos países da América do Sul, pois as frotas chinesas, subsidiadas pelo estado, competem diretamente com o mercado local e capturam as mesmas espécies que navios artesanais de países como Peru, Chile e Equador (DIÁLOGO, 2022a). Por fim, a presença dessas frotas pesqueiras asiáticas gera um mal estar que se repete todos os anos nos países sul americanos. A pesca ilegal representa cerca de 20% da pesca total mundial e, na América Latina, esses números podem ser maiores, chegando a aproximadamente 50% em países como México, segundo dados do portal de investigação do crime organizado na ALC, o InSight Crime (apud PELCASTRE, 2022a).

Segundo Ellis (2022b), nos últimos anos a Rússia teria deixado um impacto estratégico na ALC muito além dos seus recursos e capacidade de projeção de poder militar convencional limitados”. Essa estratégia russa seria feita por meio da combinação de ameaças seletivas, atividades militares e comerciais e operações de guerra de informação, todas focadas em países que formariam uma coalizão de regimes anti-EUA na região. Em comparação com seu aliado a RPC, a Rússia possui relações e pontos de entrada na América Latina relativamente mais limitados, principalmente em questão de recursos e competitividade das indústrias. Por esse motivo, a Rússia e a China agem de maneira conjunta na América Latina de forma a potencializar a projeção de suas influências na região ao mesmo tempo que se esforçam para minar os interesses estadunidenses. Logo, a China desempenha um papel importante fornecendo empréstimos, fazendo investimentos e comprando commodities e assim garantindo a sobrevivência econômica e política de regimes autoritários como Venezuela, Cuba e Nicarágua (ELLIS, 2022b).

Enquanto isso, a RPC se beneficia estrategicamente de ações provocatórias da Rússia na região. Dentre elas, temos a ameaça indireta feita pelo vice-ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergei Ryabkov, ainda no início de 2022 quando a crise na Ucrânia se intensificava, ele declarou que a possibilidade de envio de forças militares russas para Venezuela e Cuba não poderia ser descartada. Embora seja uma ameaça improvável de ser concretizada devido à guerra em curso na Ucrânia, a declaração foi recebida como um risco em potencial pelo alto comando militar dos Estados Unidos. Essa questão foi intensificada pela declaração feita por Maduro no dia 16 de fevereiro, ocasião da visita feita pela delegação russa liderada pelo vice-primeiro ministro Yuri Borisov, em que ele afirma que “ A Rússia conta com o apoio total da Venezuela diante das ameaças da OTAN e do mundo ocidental” (ELLIS, 2022b; OMMATI, 2022b)

Uma visita que deveria tratar de assuntos comerciais e de cooperação econômica na verdade se tornou uma reafirmação russa de sua posição estratégica da América Latina e Caribe, zona de influência de seu rival Estados Unidos, bem como uma representação da sua capacidade de projeção de poder militar. Essa expansão do programa de cooperação entre Rússia e Venezuela foi selada com a assinatura de uma série de acordos de cooperação estratégica que abrange uma série de campos-chave como aspectos comerciais, energéticos, assistência financeira nos campos da saúde, cultura, educação e militar. Tudo isto selado pelo tom revisionista de ambas as partes que pode ser resumido por uma das falas de Maduro em que ele destaca que as conversas foram feitas após a “revisão do mapa da geopolítica mundial” (OMMATI, 2022b).

Além disso, uma das principais áreas de atuação russa no continente latino-americano seria por meio do uso da desinformação, de informações falsas e propaganda via mídias estatais locais e redes sociais. Essa forma de influência política faz parte de uma estratégia russa de ampliar suas metas geoestratégicas pois a desinformação seria um método militar assimétrico e indireto empregado pela Rússia em diversos países. Nesse contexto, as campanhas de desinformação do Kremlin têm se tornado cada vez mais eficazes e seria uma técnica pela qual a Rússia poderia “provocar pequenos incêndios” em territórios próximos aos EUA (RETANA, 2020; COOK, 2021).

Nesse mesmo sentido temos a estratégia do uso de grupos cibercriminosos russos, em suposta colaboração com o Kremlin, para lançar ataques disruptivos contra a infraestrutura ocidental, segundo informações do relatório investigativo do Projeto de Informação sobre o Crime Organizado e a Corrupção (OCCRP). Esses grupos criminosos ajudariam a Rússia a ter um maior alcance fora de seu território e, caso fossem detectados ou identificados, Moscou poderia facilmente se dissociar

deles, prática semelhante à feita com a suposta relação da atuação de Empresas Militares Russas (PMC). Um dos exemplos recentes da atuação dessas gangues foi em abril, quando a gangue russa Conti atacou várias instituições públicas e privadas de alto perfil na Costa Rica. Segundo especialistas regionais em entrevista à revista diálogo, subestimar o potencial do impacto negativo do Kremlin na ALC seria um erro, já que Moscou já teria provado por meio de uma gama de ações incluindo espionagem, ciberataques, campanhas de desinformação, assistência militar e até mesmo a capacitação de canais irregulares para a lavagem de ativos financeiros ilícitos, a sua capacidade de desestabilizar a região (GOUILLOU, 2022; PELCASTRE, 2022b).

No dia 9 de junho de 2021, dois navios de guerra iranianos seguiam em direção à costa venezuelana. As autoridades estadunidenses suspeitavam que as embarcações pudessem transportar mísseis para a Venezuela e, após muita pressão dos EUA e de outros países, fizeram os navios voltarem no último minuto em direção ao Atlântico Norte e seguiram para São Petersburgo, na Rússia (PELCASTRE, 2021b). Em 2022, um avião de carga da companhia aérea venezuelana Emtrasur foi detido no aeroporto de Ezeiza, em Buenos Aires, com uma tripulação de 14 venezuelanos e 5 iranianos ligados ao Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC). Essas foram apenas algumas das situações que ressoavam o alerta para o desejo de Teerã de expandir sua influência na América Latina. Isso ocorreria pois o Irã via sua presença na região como um meio de esquivar-se das sanções ocidentais e também desenvolver sua rede alternativa para desafiar os Estados Unidos nas Américas. Também fazem parte dessa rede alternativa a RPC e a Rússia, como citados anteriormente (DIÁLOGO, 2022b).

Desde 1979, o Irã estaria tentando construir pontes ideológicas, estratégicas e militares em diversos países latino-americanos e caribenhos, especialmente aqueles alinhados com antiamericanas (PELCASTRE, 2021b). O principal aliado de Teerã na região é a Venezuela, na qual estava presente desde os anos 1990 e cujas atividades cresceram significativamente nos anos 2000, com a chegada de Hugo Chávez ao poder. Essa aliança estratégica duradoura entre os dois governos inclui vários acordos de cooperação energética e militar, somando cerca de 270 acordos bilaterais. Para o Irã e para o regime Maduro foi essencial que esse esquema de evasão de sanções econômicas se tornasse em uma estratégia de resistência à diplomacia coercitiva dos Estados Unidos e de deslegitimação do uso e da eficácia das sanções norte-americanas e internacionais (LIPIN, 2022; HUMIRE, 2021).

Dentro os acordos bilaterais firmados por Teerã e Caracas, áreas como ciência, nanotecnologia, petróleo e agricultura foram essenciais para a sobrevivência do regime Maduro, a crise econômica e a enorme escassez de combustível que enfrentava. Enquanto a IRCG usava a Venezuela como centro de transbordo de minerais, materiais minerais e tecnologia estratégicas, o Irã em 2020 construiu uma ponte aérea e marítima no atlântico, criando diversas rotas entre o Irã e a Venezuela e possibilitando que enviassem cerca de 4,8 milhões de barris de condensado por 5,5 milhões de barris de petróleo bruto pesado. Essa transferência de petróleo bruto extrapesado era essencial para o abastecimento do mercado interno venezuelano que sofre com uma grave crise de desabastecimento. Em troca da gasolina iraniana, o regime Maduro transferiu pelo menos 9 toneladas de ouro, equivalentes a US\$500 milhões para Teerã. Os dois Estados colaboraram para estabelecer estratégias de transferência de petróleo no mar e de lavagem de capitais do petróleo comercializado como uma maneira de escapar das sanções estrangeiras e recuperar suas economias em meio aos efeitos da pandemia (HUMIRE, 2021; PELCASTRE, 2021b)

Além disso, especialistas estadunidenses como o professor de sociologia em Palm Beach State College, na Flórida, Luis Fleischman, alertam para a suposta natureza ilícita da relação entre Teerã-Caracas. Além de operações de desinformação, propagação de discursos de ódio, Fleischman afirma que o crime organizado seria uma peça fundamental para a “exportação do jihadismo”. Da mesma maneira que o Irã havia sido acusado de receber dinheiro da produção de ópio no Afeganistão, Teerã atualmente é acusado de ter enviado armas e dinheiro para a Venezuela. Barcos, aviões e empresas de transporte iranianos seriam utilizados para traficar drogas e álcool, contrabandear petróleo, lavar dinheiro e realizar tráfico de armas e ouro. Ademais, o componente criminoso das atividades do Irã na região da ALC incluiria o apoio ao grupo terrorista Hezbollah. Essa última informação foi reforçada pela declaração do ministro de Defesa colombiano em novembro de 2021, na qual afirma que a presença de militantes do Hezbollah ativos na Venezuela, principalmente na região de fronteira entre os dois países, representam uma séria ameaça a sua segurança nacional e a segurança regional (DIÁLOGO, 2021a; LIPIN, 2022). O ponto sobre a suposta presença do Hezbollah na Venezuela será melhor abordado no ponto a seguir, intitulado de Organizações Extremistas Violentas (VEO), que formam o segundo ponto do ciclo vicioso de ameaças.

4.2.2 ORGANIZAÇÕES TERRORISTAS EXTREMISTAS

Impulsionado pelo crescimento da demanda de drogas ilícitas nos países centrais a partir do final da década de 1960, transformou o mercado transnacional ilícito e fez com que pequenos grupos de produtores e exportadores de drogas se tornaram grandes empresas narcotraficantes, inaugurando assim um novo e lucrativo mercado do tráfico de drogas. Já durante a administração do republicano conservador Ronald Reagan, o assunto do tráfico de drogas passou a ser tratado como um problema de saúde e segurança pública. O discurso governamental investia em uma lógica que transferia aos produtos de drogas, em sua grande maioria países latino-americanos, a responsabilidade pelos números crescente de mortes por overdose e aumento da violência e criminalidade em zonas de tráfico. A retórica estatal apontava para uma aproximação entre o tráfico de drogas e uma conspiração internacional contra os Estados Unidos e, a partir de declarações infundadas de agentes estatais norte-americanos, a opinião pública passou a ter uma ideia difusa na qual terrorismo, drogas e a ameaça comunista se uniam para derrotar a democracia liberal ocidental (RODRIGUES, 2017).

A correlação entre terrorismo e crime organizado não é claramente definida nos documentos oficiais dos Estados Unidos. A ideia do "narcoterrorismo" surgiu em meados da década de 1980 e passou a compreender a "associação subversiva e conspiratória" entre narcotraficantes e guerrilheiros de esquerda. Sem nenhuma comprovação contundente dessa ligação, o rótulo passou a sintetizar perfeitamente a busca dos EUA pelo novo grande inimigo externo. Em 1986, Reagan fez uma declaração em que afirmava que "a ligação entre governos aliados aos soviéticos, tais como Cuba e Nicaragua, o tráfico internacional de drogas e o terrorismo está ficando cada vez mais clara". A partir daquele momento, o narcoterrorismo passava a ser a mais perigosa ameaça do Hemisfério Ocidental (FERREIRA, 2016, p. 153; RODRIGUES, 2017).

A simples vinculação entre o terrorismo, guerrilhas de esquerda e narcotraficantes foi suficiente para reforçar o endurecimento do discurso dos Estados Unidos e aliados regionais acerca da necessidade crescente da militarização do combate ao narcoterrorismo. Esse movimento levou a criação de grupos de elite antidrogas em forças armadas latino-americanas que futuramente seria a base para operações militares mais elaboradas como o Plano Colômbia em 1999 e a Iniciativa Mérida em 2007 (RODRIGUES, 2017; RODRIGUES, 2010). É também na década de 1990 que iniciam as alegações estadunidenses acerca da presença do grupo xiita libanês, Hezbollah. A comunidade árabe na região da Tríplice Fronteira (TF) entre Argentina, Brasil e Paraguai, e em

menor medida na Colômbia, Venezuela e Cuba, passou a ser acusada de possível apoio ao terrorismo, tendo como principal “evidência” os ataques terroristas, atribuídos ao Hezbollah, em Buenos Aires em 1992 e 1994 (FERREIRA, 2016; FERREIRA, 2012)

Com os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 e a subsequente “Guerra ao Terror”, a suposta presença do Hezbollah na América Latina se tornou uma ameaça grave à segurança nacional dos Estados Unidos e à segurança hemisférica. Nota-se que a menção aos termos “segurança nacional” e “segurança hemisférica”, na maioria das vezes que figuram juntos nas declarações de autoridades estadunidenses ou documentos oficiais estatais, eles tendem a aparecer nesta ordem mencionada, sinalizando a clara prioridade dos Estados Unidos para com a segurança do seu território nacional e, somente após esta, temos a menção a segurança do Hemisfério Ocidental. Nesse contexto, a TF passa a ser considerada uma “área cinzenta” na qual a presença e atividades de grupos terroristas, a criminalidade organizada e a corrupção de funcionários públicos passam a ser entrelaçadas formando uma “cultura criminal internacional” (FERREIRA, 2016; FERREIRA 2012)

Segundo Ferreira (2012), “a dramaticidades dos eventos do dia 11 de setembro fez com que a luta contra o terrorismo não levasse em conta a realidade factual” o que resultou na criminalização da região da Tríplice Fronteira da mesma maneira que atualmente é criminalizada a presença terrorista na Venezuela. Durante o período posteriormente conhecido como Guerra ao Terror, a presença do terrorismo na América Latina - por parte de grupos como Hezbollah e, em menor medida, o narcoterrorismo de guerrilhas como as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) e o Exército de Libertação Nacional (ELN) - passaram a figurar nos discursos de comandantes do Southcom de maneira a justificar seus orçamentos e angariar recursos adicionais para suas atividades no continente sul-americano. Nesse contexto, o Comando do Sul, por meio do discurso, cria um “clima de permanente ameaça” no Hemisfério Ocidental com o objetivo de manter recursos para o funcionamento de suas operações e infraestrutura burocrática em um cenário no qual os recursos do Departamento de Defesa eram cada vez mais voltados para o front do Oriente Médio na luta contra o terrorismo (FERREIRA, 2016).

Quanto aos mais recentes desdobramentos da presença do terrorismo na América Latina temos dois movimentos em se desenvolvem em locais e períodos aparentemente análogos: o abrigo ou “safe haven” ofertado pelo governo venezuelano a membros do Hezbollah; e a atuação do ELN em suposta colaboração com o regime Maduro na região de fronteira entre Colômbia e Venezuela. Sobre o primeiro movimento, este ganhou força com a declaração do então secretário de Estado dos

Estados Unidos, Mike Pompeo, no dia 20 de janeiro de 2020, durante a “III Conferência Ministerial Hemisférica do Combate ao Terrorismo” em Bogotá. Nessa ocasião Pompeo classificou como “inaceitável” a presença do Hezbollah na Venezuela. Na mesma circunstância, o então presidente colombiano, Iván Duque, confirmou a presença do grupo libanes em território venezuelano e afirmou que o seu governo havia detectado que isto ocorria com a “anuência e conveniência da ditadura de Nicolás Maduro” (SANCHEZ, 2020).

Ainda segundo a fala de Pompeo, “Maduro e seus comparsas estão tentando dar refúgio seguro ao Hezbollah, ao ELN e a outras organizações terroristas ” (MORENO, 2020). Sobre o segundo movimento, em abril e maio de 2021 o portal alemão *Deutsche Welle* (DW), informou que oito militares venezuelanos morreram em confrontos irregulares na fronteira com a Colômbia, no estado de Apure. Em maio do mesmo ano, 200 dissidentes das FARC foram acusados de assassinar 15 militares venezuelanos (D’ERIZANS, 2021). Segundo o relatório da organização internacional *Human Rights Watch* (HRW), forças de segurança venezuelanas estariam realizando operações em colaboração direta com o grupo guerrilheiro colombiano, ELN, o que levou a “um aumento dramático da violência nos primeiros meses de 2022”, principalmente nas regiões transfronteiriças, de Arauca, na Colômbia, e Apure, na Venezuela. Esse aumento nos índices de violência locais seria motivado pela aliança entre a Força Armada Nacional Bolivariana (FANB) e a Guarda Nacional Bolivariana com o ELN, em uma ofensiva contra a FARC pelo controle de territórios e pontos de venda de drogas (PELCASTRE, 2022c).

O ELN supostamente atacaria pontos específicos, de acordo com seus objetivos estratégicos, na Colômbia e, posteriormente, migraram para territórios venezuelanos, nos quais se encontram seus esconderijos. Além disso, segundo o relatório de fevereiro da organização não governamental (ONG) colombiana Fundação Ideias para a Paz, o ELN seria responsável por comandar atividades ilegais em solo venezuelano relacionados ao contrabando de gasolina, mineração e extensão de populações que vivem nas regiões de plantação de coca e próximo a minas de ouro (CÁNEPA, 2021). Ainda segundo a HRW, o regime Maduro permite que o grupo faça uso de violência física e táticas de medo durante o supervisionamento das operações de mineração de ouro. As minas de ouro, localizadas na parte sul do país, são em grande parte povoadas por comunidades indígenas que são forçadas a trabalhar nas minas com poucas ou nenhuma medidas de segurança. Um funcionário do Departamento de Estado relatou que as comunidades mineiras seriam exploradas tanto por meio do trabalho forçado ou pelo tráfico sexual, geralmente as vítimas do segundo tipo de abuso são jovens de 13 a 14 anos. Os garimpeiros além do trabalho compulsório, são forçados a

entregar 80% do seu ouro aos sindicatos e os moradores das cidades devem pagar em ouro aos grupos armados pela manutenção do funcionamento das minas e pela “segurança” fornecida pelos guerrilheiros, em um esquema semelhante ao de milícias espelhadas por outras partes da região (KIRSCHNER, 2020).

4.2.3 ORGANIZAÇÕES CRIMINOSAS ORGANIZADAS

De acordo com o documento elaborado pelo Conselho de Segurança dos Estados Unidos em julho de 2011, o crime organizado transnacional seria uma ameaça significativa e crescente para a segurança nacional dos Estados Unidos bem como para a segurança internacional e teria sérias implicações nos setores de segurança pública, saúde, nas instituições democráticas e a estabilidade econômica ao redor do mundo (apud NASSER, 2014). Segundo as Nações Unidas, entende-se por crime organizado um negócio econômico protagonizado por grupos criminosos que se organizam e funcionam de forma estruturada para “obter, direta ou indiretamente, um benefício econômico ou outro benefício de ordem material” (apud SAIN; GAMES, 2014). Nesse contexto destacado, as atividades dessas Organizações Criminosas Transnacionais (TCOs, na sigla em inglês) passam a ocupar um lugar de destaque na agenda de segurança do governo dos Estados Unidos, inicialmente avaliado como uma ameaça importante a estabilidade regional e posteriormente se tornando uma ameaça a sociedade e economia norte-americanas. Este movimento, segundo Nasser (2014), estaria relacionado ao período do fim da Guerra Fria, no “processo de redefinição de prioridades estratégicas relacionadas à segurança nacional dos Estados Unidos”.

Como uma das temáticas de maior relevância para os EUA quanto ao cenário de segurança regional da América Latina, nas últimas duas décadas a ação estadunidense nesta região tornou-se sistemática e estruturada em torno de propostas de solução militarizadas para a questão do combate as TCOs, principalmente com o reforço da aplicação da lei (*law enforcement*) nos países, utilizando os meios de cooperação nas áreas militar, políticas e de compartilhamento de inteligência. Ainda durante a década de 1990, esses grupos criminosos estabeleceram “redes de relacionamento e passaram a movimentar-se com mais desenvoltura pelas fronteiras nacionais com o objetivo de oferecer bens e serviços ilícitos”. Fortemente impulsionados pelas transformações tecnológicas e políticas do processo de globalização, a virada para o século XXI teria oferecido as chamadas “estruturas de oportunidade” para o crescimento dos mercados ilícitos, não só nos países periféricos como também nos países desenvolvidos (NASSER, 2014).

No caso da América do Sul, essas transformações aliadas aos “vazios legais”, gerados pela falta de capacidade estatal, “causam brechas na coesão social”, muito bem aproveitada pelo crime organizado. Os indícios expressivos de violência na ALC estariam diretamente relacionados a conjuntura problemática da região bem como a violência local dessa criminalidade transnacional referente, especialmente, as atividades do tráfico ilegal de drogas e, em menor medida, no tráfico de armas (NASSER, 2014). Logo, a América do Sul é uma região estratégica no que se refere a criminalidade transnacional para os Estados Unidos e, esta preocupação que ganhou relevância em face da crescente dicotomia entre ordem e desordem no pós-Guerra Fria, levou a uma série de medidas aplicadas pela administração Clinton em combate as TCOs. Essa reconfiguração da política externa direcionada aos países latino americanos seria orientada historicamente pela relação de exclusão de rivais extraterritoriais no Hemisfério Ocidental, fazendo com que, mesmo que a região não seja um espaço de atuação prioritária para os Estados Unidos, o combate às “novas ameaças” regionais se tornou um dos imperativos da segurança estadunidense no pós-Guerra Fria.

A interligação de fenômenos transnacionais operados por atores não-estatais tais como o terrorismo, o tráfico de drogas e o crime organizado somadas a “incapacidade crônica dos governos latino-americanos em tratar de seus problemas doméstico” levaram a uma crescente expressão unilateral da política dos EUA para a ALC. A relativização da soberania dos países latinos e o crescente processo de extraterritorialidade da aplicação da lei e da justiça por agências dos Estados Unidos atingiu o seu ápice na invasão norte-americana do Panamá em 1989, inaugurando assim uma nova fase na política de segurança regional, a qual, segundo Villa (apud NASSER, 2014), a base para justificações para intervenções em países latino-americanos passaria a ser o combate ao tráfico de drogas ilícitas (NASSER, 2014). Nesse sentido, iremos analisar como a agenda do combate ao crime organizado na região tem moldado a atuação dos Estados Unidos, principalmente pela figura do Comando do Sul.

Segundo o Southcom, as TCOs apoiadas pela venda de drogas ilícitas nos Estados Unidos foram consideradas repetidamente como as principais ameaças desestabilizadoras da região, gerando um mercado de lucro de US\$90 bilhões anuais em detrimento da economia, da saúde e da segurança pública dos EUA. A única resposta para essa crescente ameaça seria o aumento da presença militar estadunidense no hemisfério, como foi anunciado pelo Craig Faller em uma coletiva de imprensa no Departamento de Defesa, no dia 12 de março de 2020. “Essa indústria multimilionária estaria sendo impulsionada pelo aumento do narcotráfico na Colômbia, passando pela Venezuela, através do mar do Caribe (MCLOUD, 2020; VERGUN, 2020; PERNALETE,

2021). Durante um evento do Departamento de Defesa em 2021, o chefe da divisão de Operação de Informação do Comando do Norte¹³ declarou que o Caribe enquanto “terceira fronteira” dos Estados Unidos, não estaria recebendo tanta atenção quanto às fronteiras com o Canadá e o México. Em complemento a esta fala, a atual comandante do Southcom, Gen. Richardson, declarou que “nesta época de competições estratégicas de longo prazo, os Estados Unidos devem permanecer os parceiros de escolha em todo o Hemisfério Ocidental”. Nesse sentido, o combate ao crime organizado seria essencial pois estes atores operam na região “quase sem oposição e abrem caminho para a corrupção e violência”, criando assim uma janela de oportunidade para atuação da RPC e da Rússia na exploração dessas vulnerabilidades hemisféricas como um parte de suas estratégias de prejudicar os interesses dos EUA (CRONK, 2021; BELCHI, 2022) .

Ainda neste sentido, relatórios de inteligência mostravam que os cartéis de drogas latino americanos viram no surto da COVID-19 uma oportunidade de enviar mais drogas para os Estados Unidos. Além disso, dados do Gabinete das Nações Unidas para Drogas e Crime (UNODC) em colaboração com o governo colombiano, informam que o declínio das atividades criminosas no período entre março e abril de 2020 não teria acompanhado o ritmo do declínio das atividades marítimas legais em face da crise global gerada pela pandemia da COVID-19. Houveram 27 incidentes de interdição marítima registrados entre 12 de março e 8 de julho de 2020, contra os 23 registrados no período mais longo entre o dia 1 de novembro de 2019 e 11 de março de 2021. Esse estudo também apontava que, durante os últimos cinco anos, estaríamos passando por um movimento de concentração das lavouras de coca, principalmente nas áreas de fronteiras e nas áreas estratégicas para o tráfico de cocaína como a Colômbia, que possui a maior extensão de cultivo de coca do mundo, com 143.000 hectares de lavoura, das quais cerca de 40.000 estão localizadas na fronteira com a Venezuela. O Ministério de Defesa Nacional alerta a comunidade internacional sobre o salto de 35% no número de crimes contra a segurança pública nos últimos quatro anos em toda Colômbia, em uma consequência direta do crescimento do narcotráfico no período de crise mundial (RALBY, 2021, BARRETO, 2021).

Atividades paralelas cometidas por organizações criminosas em colaboração direta com potências extrarregionais como China, Rússia e Irã também são apontadas como uma tendência alarmante na região. No caso chinês, notícias do portal americano Diálogo Américas aponta para episódios como: a investigação conduzida pelo *Organized Crime and Corruption Reporting Project*

¹³ O Comando do Norte (NORTHCOM) é, assim como o Comando do Sul, um dos Comandos Combatentes Geográficos dos Estados Unidos cuja área de responsabilidade compreende o território do Canadá, dos Estados Unidos e da parte norte do México.

(OCCRP), que alertou para a crescente presença de organizações criminosas chinesas focadas no tráfico de cigarros na América Latina, em decorrência do aumento dos impostos regionais sobre os cigarros (DELGADO, 2021); a maior apreensão chilena de cobre contrabandeado, com cerca de 80 toneladas avaliadas em aproximadamente US\$ 305 milhões, em meados de janeiro de 2020. A Polícia de Investigações do Chile (PDI) informou que o material contrabandeado tinha como destino a China e seria motivado pelo aumento da demanda de cobre e derivados para acompanhar o processo de plena expansão de empresas chinesas de telecomunicações e redes de 5G (DELGADO, 2020); e por fim, temos a declaração da Guarda Costeira em colaboração com a organização internacional sem fins lucrativos (ONG) Global Fishing Watch (GFW) de que “ a maior parte da pesca ilegal no Hemisfério Ocidental vem da China, o que aumenta o caráter de urgência do combate a INN” (VERGUN,2020).

4.3 A Venezuela no centro do Círculo Vicioso de Ameaças

Segundo especialistas entrevistados pelo portal Diálogos, “A Venezuela está nas mãos da Rússia”, pois Moscou ditaria o ritmo de atividades essenciais para a economia venezuelana como forma de pagar a dívida milionária que o país sul-americano deve aos aliados russos. Nesse sentido, seria importante para o Kremlin obter esse pagamento em espécie, principalmente por meio da exploração de recursos naturais imprescindíveis para o seu desenvolvimento tecnológico, como é o caso do tório¹⁴ cujas reservas estão localizadas no Arco Mineiro do Orinoco, território rico em recursos minerais cuja extensão cruza o espaço de cinco parques nacionais. Dados da reportagem apontam que o regime Maduro entregou concessões de mineração a companhias russas e chinesas em 2016, abrangendo uma área de 112.000 quilômetros quadrados que agora se encontram desmatados e em erosão. De acordo com ex-membros da Assembleia Nacional Venezuelana, existia uma zona reservada no parque nacional do Canaima onde soldados russos e iranianos do Hezbollah extraem o tório (PELCASTRE, 2020a).

Nessa área também conviveriam máfias, mineradores ilegais, traficantes de drogas, indígenas que se juntaram aos trabalhos, militares e ex-integrantes das FARC (PELCASTRE, 2020a). Além disso, em 30 de março de 2022, o cidadão russo Sergei Vargin foi preso junto a seis colombianos, acusados de fomentar uma rede criminosa que movimentou milhões de dólares, supostamente

¹⁴ Elemento radioativo utilizado para fabricar cerâmica e metais para indústria aeroespacial e nuclear, entre outras, e como combustível para gerar energia nuclear e mísseis. A Venezuela possui mais de 300.000 toneladas de tório, segundo dados da Agência Internacional de Energia Atômica (PELCASTRE, 2020).

oriundos de Moscou, para financiar ações contra a Força Pública colombiana, bem como organizar protestos pelo país desde 2019. Entre outros crimes, Vargin é acusado de transferência de bens, conspiração para cometer crimes, uso ilegal de redes de telecomunicação e acesso abusivos a sistemas informativos em prol de uma grande operação de lavagem de dinheiro, no valor de US\$ 130 milhões, e cujo destino final era os cofres do grupo criminoso Primeira Línea (PELCASTRE, 2022).

Na mesma linha de exploração de recursos naturais venezuelanos de maneira indevida por AEEs, outra matéria da Diálogo alerta para a parceria de Maduro com o governo iraniano para a venda de ouro ilícito. Uma das principais figuras dessa rede criminosa libanesa, Nasser Abbas Bahmad, fundou no Paraguai uma organização transnacional de tráfico de cocaína, que eram exportados para países como Argentina, Espanha através de contêineres de carvão. O Departamento de Tesouro dos Estados Unidos e especialistas entrevistados pelo portal, a história de Bahmad, que sumiu sem deixar rastros após abandonar o Paraguai em 2017, supostamente demonstraria com o Hezbollah estabeleceu uma grande rede de lavagem de dinheiro na América Latina, movimentando pelo menos US\$ 300 milhões anuais por meio de uma gama de diferentes negócios ilegais espalhados pela região (DIÁLOGO, 2021a).

A região do Arco Mineiro de Orinoco, na Venezuela, se tornou um local conhecido pela exploração de recursos naturais, mas também pelas altas taxas de violência e homicídio. Segundo dados do Observatório Venezuelano da Violência (OVV), desde 2016 o estado de Bolívar, onde o Arco fica localizado, tem assumido a liderança nos índices de homicídios do país, alcançando o segundo lugar em 2019, com 84 homicídios para cada 100.000 habitantes. O ex-governador do estado, Andrés Velásquez, afirmou que a região sofria com a disputa entre grupos armados pelo controle da mineração, causando mais de 40 massacres desde 2006. O OVV afirmou que as tentativas do regime venezuelano de controlar a mineração ilegal “levaram a uma espiral de violência que parece estar fora de controle”, movimentando outras atividades criminosas como o tráfico de pessoas, exploração sexual de adolescentes e exploração de mão-de-obra escrava por grupos armados que agiriam, segundo fontes entrevistadas, com o consentimento do regime Maduro (ONAFSA, 2022; DIALOGO, 2021b; PISANI, 2020; DIALOGO, 2022c). Abaixo temos um mapa que ilustra o tamanho e a dispersão da estrutura de mineração ilegal da Venezuela e a centralidade do Arco Mineiro de Orinoco nessa infraestrutura do crime organizado no país.

Figura 12: Mapa da Mineração Ilegal na Venezuela



Fonte: INSIGHT CRIME, 2022.

No que se refere ao tráfico internacional de pessoas, a atuação da quadrilha criminosa venezuelana de Tren de Aragua se torna importante de ser analisada. O origem desta “mega gangue” data no final de 2019 na Venezuela, quando durante a construção do sistema ferroviário venezuelano na região de Aragua, o sindicato de trabalhadores viu nesta ocasião uma oportunidade de ingressar em atividades ilícitas que abrangem desde o tráfico de pessoas para fins de exploração sexual, extorsão de dinheiro, tráfico de drogas, sequestros, assassinatos, roubo de veículos e contrabando de armas. Com a diáspora de refugiados venezuelanos causada pelo colapso econômico do país desde 2014, a quadrilha ampliou suas operações tendo como principal alvo as “presas fáceis” dos refugiados. Segundo dados do portal Insight Crime, a organização possui mais de 2.700 membros que atuam e controlam territórios em países como Colômbia, Equador, Peru e Chile (DELGADO, 2022; DIÁLOGO, 2021c).

De acordo com a pesquisadora do Centro de Estudos sobre o Crime Organizado Transnacional do Instituto de Relações Internacionais da Universidade Nacional de La Plata, na Argentina, Valeska Troncoso, essa quadrilha faz uso da corrupção e da impunidade como meios de obtenção de benefícios econômicos e para ampliar suas redes de violência, despertando a atenção de governos da ALC sobre essa ameaça à segurança hemisférica. A Polícia de Investigações do Chile, prendeu 11 criminosos venezuelanos pertencentes a organização em uma operação em junho de 2022, apreendendo também armas, munições, drogas e coletes a prova de balas (DELGADO, 2022b; DIÁLOGO, 2021c; SAAVEDRA, 2022). No próximo e último tópico do presente artigos iremos analisar como a crescente presença de potências extrarregionais, organizações terroristas e de crime organizado transnacional tornaram a Venezuela uma ameaça para os Estados Unidos e como no regime Maduro o discurso estadunidense passou a classificar o país caribenho como Narcoestado e “santuário” células terroristas.

Ademais, desde meados de 2019, o Comando do Sul alerta a cúpula decisória dos Estados Unidos e a países aliados regionais sobre a tendência do governo Maduro em "facilitar o aumento de todos os tipos de atividades ilícitas, desde tráfico de drogas, passando pelo terrorismo e a mineração ilegal. Durante seu discurso na 76ª sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas, o presidente da Guatemala, Alejandro Giammattei, solicitou ajuda e cooperação internacional no combate ao crescente mercado ilegal de narcóticos provindos da Venezuela, que passou a ser o ponto de partida de 95% das aeronaves que transportam drogas para outros países da região. (DIÁLOGO, 2020a). Esse pronunciamento ocorreu meses após o Almirante Faller afirmar em entrevista que houve um aumento de mais de 50% do narcotráfico na Venezuela¹⁵ e da “descoberta” de que Nicolas Maduro seria o líder de uma organização criminosa, chamada “Cartel del Sóis”. Nesse contexto, o Panamá haveria se tornado o principal corredor de entrada de narcotraficantes que transportam drogas provenientes da América do Sul, principalmente da Colômbia, para os Estados Unidos, o maior consumidor mundial (DIÁLOGO, 2021d) . Seria esta localização estratégica do Panamá na rota do tráfico de drogas que motivou operações como a que será analisada no presente artigo, a direcionar navios de guerra no mar do Caribe para barrar o fluxo de mercadorias ilegais.

¹⁵ Há algum tempo, a Venezuela vem sendo considerada pelo Departamento de Estados Unidos como um importante país de trânsito de cocaína, por meio de rotas aéreas e marítimas. O Relatório de Estratégia Internacional de Controle de Narcóticos produzido pela agência aponta para um aumento de 145% no fluxo de drogas na Venezuela entre 2015 e 2019. Projeções de Institutos de Pesquisa sobre o Crime Organizado apontam para o risco da Venezuela se tornar o quarto maior país produtor de cocaína do mundo. Para mais informações, ler: OMMATI, 2022.

Como visto nos tópicos anteriores, os Estados Unidos observam a região da América Latina como sua zona de influência. Logo, uma aproximação de países como Venezuela com potências tais quais Rússia, Irã e China e atores irregulares como Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), seria vista como ameaça direta à sua própria segurança nacional. Assim sendo, diante de tal ciclo vicioso de ameaça, não seria de se surpreender que na perspectiva estratégica norte-americana, o regime de Maduro represente um afronte à liberdade democrática na América Latina (FALLER, 2020) e seja um receptáculo de influência para a atuação de atores extrarregionais. Diante de todo o contexto exposto, é possível afirmar, assim como o ex-comandante do southcom, Faller, declarou que a Venezuela de Nicolás Maduro se encontrava no centro do círculo vicioso de ameaças (LOPEZ, 2020). Por este motivo, analisaremos na seção a seguir a Operação Ampliada Contra-Narcóticos de 2020 e como esta se relaciona com o CVA.

4.4 ANÁLISE DA OPERAÇÃO AMPLIADA CONTRA NARCÓTICOS DE ABRIL DE 2020

Segundo MacDonald (2019), a Guerra Fria teria retornado para o Caribe. Todavia, não de forma idêntica a Guerra Fria que conhecemos. Seguindo a lógica de outros especialistas¹⁶, o retorno da disputa geopolítica entre grandes potências teria tornado a América Latina novamente palco de uma disputa por influência. A China teria ocupado o vácuo deixado pela União Soviética como o principal desafiador da hegemonia americana no Hemisfério Ocidental. A Rússia estaria em busca de retornar parte da influência perdida nas últimas décadas. Junto com Cuba, seu aliado regional de longa data, ambos desempenham um papel expressivo no apoio ao governo venezuelano. Esse apoio tanto russo como chinês ao governo Maduro teria aliviado os efeitos da pressão exercida por sanções econômicas impostas pelos EUA e o isolamento regional encabeçado pelo último.

Além disso, segundo o dossiê apresentado na segunda edição de 2020 da revista oficial do Comando do Sul, o regime Maduro está envolvido em uma série de atividades ilícitas, incluindo o narcotráfico, venda ilegal de petróleo e carregamento de ouro. O regime também dependeria apoio de potências extrarregionais como as citadas anteriormente além de Irã e Turquia bem como trabalharia em colaboração com membros da guerrilha colombiana do Exército da Libertação Nacional (ELN) e dos remanescentes das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) para manter-se no poder. Tendo em vista fatores como a pandemia da COVID-19, a paralisação do

¹⁶ TEIXEIRA JUNIOR, A. W. M. O que a América Latina tem a ver com a Nova Guerra Fria? Reflexões sobre a crise da Venezuela. *Análise Estratégica*, Brasília : Centro de Estudos Estratégicos do Exército, vol 17, jun/ago 2020. Disponível em: <http://ebrevistas.eb.mil.br/CEEEExAE/article/view/6407/5542>

comércio global e o colapso dos preços do petróleo em todo o mundo, a crise econômica da Venezuela se encontra em estado alarmante. Nesse sentido, os Estados Unidos lançou uma campanha de pressão máxima para impedir o acesso do regime Maduro a economia ilícita da qual depende por meio de sanções que abrangem os setores de petróleo e ouro, o indiciamento público de Maduro e seus parceiros sob a acusação de narcoterrorismo e, por fim, o lançamento de operações antinarcóticos na região do Caribe e da América Central (DIÁLOGOS, 2020b).

Diante do exposto, a notícia de que em março de 2020 a Corte de Justiça dos Estados Unidos indiciou Nicolás Maduro por narcoterrorismo e conspiração para traficar cocaína para o território dos Estados Unidos se torna relevante. Ainda mais, pois logo após o Departamento de Estados anunciar uma recompensa de 15 milhões de dólares em troca de informações que pudessem levar a prisão do líder venezuelano, Donald Trump anunciar por meio do seu Secretário de Segurança, Mark Esper, o início da Operação Ampliada Contra-Narcóticos no dia 1 de abril de 2020. Essa operação foi responsável pelo aumento significativo da presença das Forças Armadas dos Estados Unidos, bem como de recursos militares adicionais direcionados ao Hemisfério Ocidental (ESTADOS UNIDOS, 2021; TRUMP, 2020). Abaixo temos o panfleto oficial da operação que foi divulgado amplamente pelo Southcom naquele período.

Figura 13: Operação Ampliada Contra-Narcóticos de abril de 2020



Enhanced Counter-Narcotic Operations

On 1 April 2020, U.S. Southern Command will begin enhanced counternarcotics operations in the East Pacific Ocean and Caribbean Sea to disrupt the flow of drugs in support of Presidential national security objectives.






A flood of enforcement resources...

Ships

- Navy destroyers
- Coast Guard Cutters
- Navy littoral combat ships

Aircraft

- Helicopters on destroyers and cutters
- Navy P-8 patrol aircraft
- Air Force E-3 AWACS aircraft (ISR)
- Air Force E-8 JSTARS aircraft (ISR)

Ground Forces

- Security Forces Assistance Brigade (SFAB) Company




Fonte: Site do Comando do Sul (SOUTHCOM, 2020).

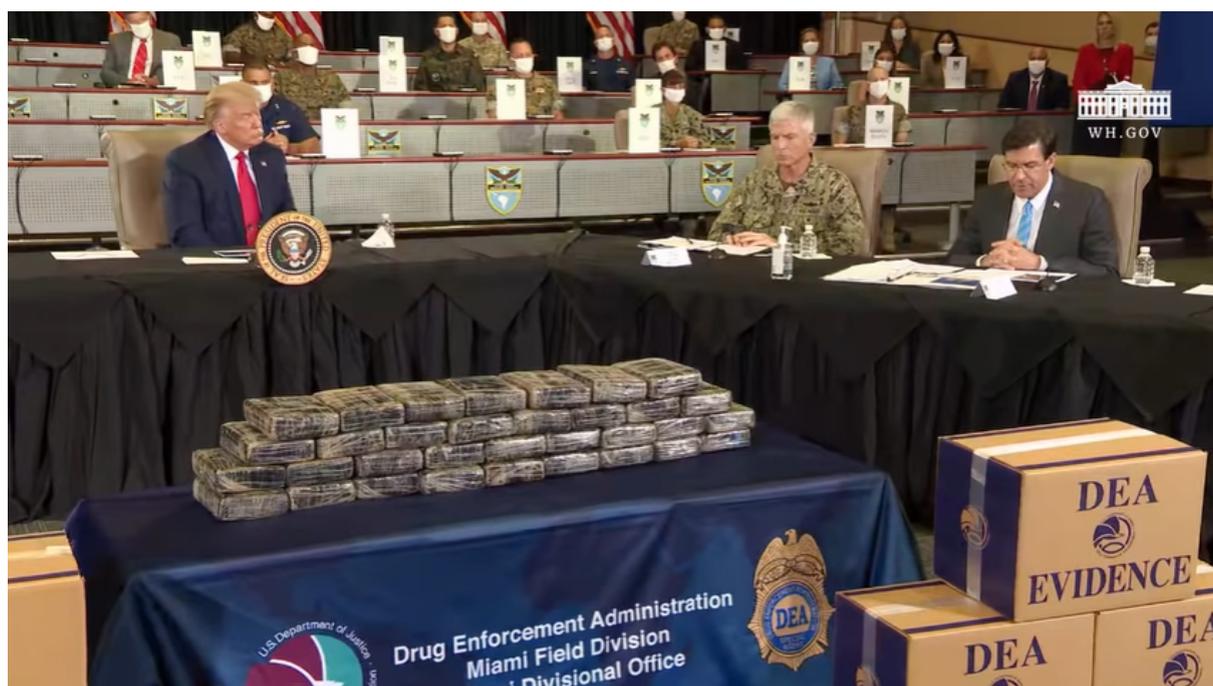
Em uma entrevista concedida no dia 1 de outubro de 2020, o líder de planejamento conjunto para contenção de organizações criminosas transnacionais e diretos de operações do southcom, Adm. Larry D Watkins, falou a respeito da *Enhanced Counter Narcotics Operation*. Primeiramente, ele declarou a seriedade e complexidade do ambiente de segurança da América Latina e que em reconhecimento da dificuldade enfrentada pelo Comando no combate às ameaças regionais, o Secretário de Defesa aprovou um aumento da presença militar do Southcom na AOR, como dito anteriormente. Esse acréscimo inclui navios, aeronaves e forças de segurança para reassegurar os países parceiros e aliados dos EUA na região, bem como aprimorar a prontidão e interoperabilidade¹⁷ de suas forças para contra-atacar ameaças, em especial, o narcoterrorismo

¹⁷ Capacidade das forças armadas de organizações e indivíduos de atuarem de forma conjunta para o alcance de um objetivo comum (TEIXEIRA JÚNIOR; FREIRE, 2019). Para mais informações, ver: TEIXEIRA JUNIOR; A. W. M.; FREIRE, M. E. L. S. A importância da interoperabilidade como instrumento de convergência das operações militares do Brasil. *Análise Estratégica*, Brasília: Centro de Estudos Estratégicos do Exército, vol 6, jan/jun 2019. Disponível em: <http://www.ebrevistas.eb.mil.br/CEEEArE/article/view/2493/2000>

(WATKINS, 2020). Representando um aumento de 65% da força naval e 75% da força aérea, sob a forma de aeronaves de vigilância, a operação conjunta resultou na apreensão de 120 toneladas métricas de narcóticos ilícitos (TRUMP, 2020).

Quando questionado se a operação poderia ser considerada como bem sucedida, Watkins declarou que o Comando estaria sendo exitoso em exercer pressão contra as redes criminosas e impediram que esses tivessem a capacidade de livre circulação no Mar do Caribe. Além disso, obtiveram algum sucesso não apenas nas interdições da AOR do Comando e no bloqueio de perturbações na área, mas acima de tudo na questões de parcerias, interoperabilidade e colaboração em segurança. Mais de 20 aliados regionais conduziram 60% dessas apreensões em parceria com o SOUTHCOM, apesar do desafio imposto pela pandemia do COVID-19. A quantidade de drogas ilícitas apreendidas corresponderia a quantia estimada de 4.8 bilhões de lucro para esse mercado ilícito durante esse período (WATKINS, 2020).

Figura 14: Visita do Donald Trump ao Comando do Sul após a operação



Fonte: Casa Branca (ESTADOS UNIDOS, 2020).

Ao ser indagado sobre a possibilidade dessa operação ter mudado a forma de atuação do Southcom, o almirante afirma que a operação em questão é um esforço de todos os domínios, sendo eles terrestre, aéreo, marítimo, assim como o trabalho das agências americanas e parceiros

internacionais. Portanto, o esforço empreendido durante a operação teria sim mudado a forma com a qual os Estados Unidos localiza e reage a essas ameaças bem como na forma de lidar com atores envolvidos na operação. Ao detalhar sobre as atividades realizadas durante a operação, Watkins ressalta do ponto de vista do Departamento de Defesa o aspecto de detecção e monitoramento de ameaças e o apoio às agências estadunidenses. Esse apoio se dá por meio do emprego da marinha do sul e fuzileiros navais que levam esses agentes de aplicação da lei a bordo para realizar a apreensão nos locais designados (WATKINS, 2020).

Naquele momento, o foco do Comando estaria voltado para o planejamento das atividades desempenhadas no domínio terrestre para localizar e neutralizar essas organizações criminosas transnacionais dentro do que é chamado de "zona de origem" que seria o local onde a cocaína é produzida. Quanto aos principais objetivos da operação, o Almirante Watkins ressalta pontos como a interrupção e redução no fluxo de drogas para os Estados Unidos, degradar as organizações criminosas e continuar a fortalecer alianças na região. O desejo do Southcom consiste na manutenção dos valores compartilhados pelos Estados Unidos e a América Latina e a continuidade da segurança, liberdade e prosperidade no Hemisfério Ocidental (WATKINS, 2020).

Mas o que essa operação significou em termos geopolíticos e geoestratégicos na postura dos Estados Unidos perante o ambiente de segurança latino americano? Segundo Rafael U. Neira, pesquisador do Departamento de Estudos de Guerra da *King 's College*, essa operação poderia ser um indício de uma nova tendência na forma como os Estados Unidos lidam com tensões geopolíticas específicas na América Latina. Neira afirma que desde o fim da década de 1980, é comum que o Comando do Sul auxilie outras agências no combate aos narcóticos como parte do conflito contra as drogas, principalmente com o apoio da Guarda Costeira que. Todavia, a escala da presença militar dos Estados Unidos em regiões latino americanos não tem precedentes como o próprio presidente afirmou (NEIRA, 2021).

Esse aumento da presença militar na região se daria por dois motivos: seria uma resposta ao aumento do contrabando de drogas durante a pandemia do coronavírus e tem como alvo a rede de traficantes operante em território venezuelano, que supostamente ajudariam a financiar o regime Maduro; e também como uma resposta ao aumento da presença "maliciosa" de países como Irã, Rússia, China e Cuba no território da Venezuela e relacionado a necessidade de conter essa influência negativa no Hemisfério Ocidental, o que como vimos nos pronunciamentos do Almirante Craig Faller tem sido uma das principais pautas defendidas pelo Comando do Sul (NEIRA, 2021).

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto no presente trabalho e dos dados coletados e analisados entre os anos de 2020 a 2022, a partir do projeto de pesquisa “O papel da América Latina na Agenda de Segurança dos Estados Unidos na Administração Trump: o caso do United States Southern Command” no âmbito do Grupos de Pesquisa em Estudos Estratégicos e Segurança Internacional da UFPB a continuação deste a partir do projeto “Os Jogos de Poder na América Latina: a Venezuela no Centro do Círculo Viciosos de Ameaças” no âmbito do Laboratório de Estudos de Segurança e Defesa da UFRJ, pudemos traçar o desenvolvimento do discurso institucional do Southcom frente a ameaça existencial do “Regime Maduro” na Venezuela. Como é possível inferir a partir da Teoria da Securitização, uma securitização bem sucedida é aquela que convence a sua audiência acerca da natureza emergencial e existencial de uma ameaça, podendo esta ser real ou não. Isto posto, ao analisarmos o discurso do comando e os reflexos desses no orçamento direcionado tanto a manutenção do comando como um todo como para operações contra-narcóticas durante a pandemia, e até a presença do então chefe do Poder Executivo e das Forças Armadas dos Estados Unidos, Donald Trump, em um evento dedicado aos resultados tidos como positivos da Operação Ampliada Contra-Narcóticos em abril de 2020, pudemos inferir que a securitização do discurso da Venezuela como centro do Círculo Viciosos de Ameaças da América Latina e Caribe foi bem sucedida.

Ademais, Saint-Pierre (2018) esclarece que a ameaça por si só não constitui um perigo, a ameaça na verdade seria uma representação da nossa percepção daquilo que nos preocupa e nos intimida. É nesse sentido que concluímos a presente análise da percepção estadunidense da ameaça representada pelo ciclo vicioso de ameaça na Venezuela do regime Maduro. Caso o Regime Maduro não oferecesse oposição regional à narrativa estadunidense, criando obstáculos para a obtenção dos objetivos dos Estados Unidos, talvez a ameaça representada pelo círculo vicioso de ameaças na ALC não preocupasse tanto o Comando do Sul e, por consequência os EUA. Essa afirmação não desconsidera os riscos enfrentados, por exemplo, pelas comunidades ribeirinhas e indígenas que vivem em regiões assoladas pelo crime organizado, mas reitera que o que motiva este processo de securitização por parte do Southcom não seria a violação sistemática aos direitos humanos da população venezuelana, mas sim a necessidade de legitimação o seu discurso frente os tomadores de decisão e a mídia internacional.

A partir da pergunta de pesquisa “Como se dá o processo de securitização da Venezuela como centro do Círculo Vicioso de Ameaças na América Latina e Caribe?”, buscamos compreender como a ameaça existencial em questão era apresentada no discurso do comando e como estes atos de fala se converteram em políticas de segurança para a região caribenha. Além disso, buscamos demonstrar que a América Latina é sim importante para a manutenção da segurança nacional do país e que existem fatores além das agências de diplomacia tradicionais que ditam essa relevância. O Hemisfério Ocidental pode não ser a principal prioridade estratégico dos americanos, mas está longe de ser irrelevante para a compreensão do cenário geopolítico global como já defendido por grandes nomes da geopolítica clássica como o Mahan.

Para isso, fizemos uma recapitulação da postura geopolítica norte-americana diante da América Latina..Logo em seguida, descrevemos como o SOUTHCOM se insere na hierarquia do DoD e como o mesmo pode vir a influenciar o processo de tomada de decisão da política externa. A partir da análise da literatura especializada e de dados empíricos coletados durante a análise de discurso do comando, pudemos criar um panorama do círculo vicioso de ameaças e como a Venezuela se posiciona como uma peça central dentro deste. Concluimos com uma breve análise da Operação Ampliada Contra-Narcóticos de abril de 2020, que consideramos, assim como Neira , como um modelo de contenção de ameaças regionais e extrarregionais que atuam na América Latina. Por meio do aumento do aparato militar aprovado pelo Secretário de Defesa, as demandas do Comando por ativos adicionais não foram apenas cumpridas como superadas, o que seria fundamental não apenas para deter o narcotráfico na região, quanto auxiliar Washington a exercer pressão diplomática sob o disfarce de operação de aplicação da lei (NEIRA, 2021).

Por fim, os Estados Unidos, em uma clara sinalização da sua capacidade de dissuadir possíveis rivais geopolíticos que atuam na região em articulação com o regime Maduro (NEIRA, 2021) estaria iniciando um processo de confluência de diferentes conflitos. Conflitos esses como a recente volta da competição geopolítica com a China e Rússia e a retomada de antigas agendas de segurança na forma de a Guerra às Drogas, que teve o seu apogeu nos anos 1990, e a Guerra ao Terror, do anos 2000. A união de 3 tipos distintos de ameaças e agenda políticas resultou numa mudança de discurso institucional que reverbera até o presente, mesmo com uma mudança significativa na presidência dos Estados Unidos, agora chefiado pelo democrata Joe Biden. Embora tenham discursos completamente distintos, a administração Trump e Biden parecem ter uma percepção semelhante do ambiente de segurança latino americano. Por este motivo, “nadamos

contra à maré" no que se trata da análise da política de segurança dos Estados Unidos e decidimos focar no Southcom como nosso objeto de análise. Por fim, aspiramos como desdobramento dessa agenda de pesquisa não tão convencional, contribuir com a concepção brasileira acerca dos desafios de segurança enfrentados pela América Latina.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCE, Andrés. Venezuela: a Narco's Dream. Revista Diálogo Américas [online], 01 mai 2020. Disponível em: <https://diálogo-americas.com/articles/venezuela-a-narcos-dream/>. Acesso em: 22 de mai de 2023.

AYERBE, Luis F. Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

BANDEIRA, Luiz A. M. A Segunda Guerra Fria: geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2018.

BARRETO, Andrea. Fronteira da Colômbia com a Venezuela concentra maior zona de plantio de coca. Revista Diálogo Américas [online], 15 de set de 2021. Disponível em: <https://diálogo-americas.com/pt-br/articles/fronteira-da-colombia-com-a-venezuela-concentra-maior-zona-de-plantio-de-coca/>. Acesso: 10 de mai de 2023.

BBC. Crise na Venezuela: Brasil e EUA reconhecem líder da oposição Juan Guaidó como presidente interino do país. BBC Brasil, 23 de jan de 2019a. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46980502>. Acesso em: 12 de jun de 2023.

BBC. Maduro and Guaidó: who is supporting whom in Venezuela? BBC News, 5 de fe de 2019b. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-latin-america-47053701>. Acesso em: 12 de jun de 2023.

BELCHI, Antoni. EUA advertem sobre a crescente influência da Rússia e da China na América Latina. Revista Diálogo Américas [online], 29 de mar de 2022. Disponível em: <https://diálogo-americas.com/pt-br/articles/eua-advertem-sobre-a-crescente-influencia-da-russia-e-da-china-na-america-latina/#.Yuc9inbMLrc> Acesso em: 10 de mai de 2023.

BRASIL. Ministério da Defesa. Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul (ZOPACAS). Brasília, 2014. Disponível em: <https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/relacoes-internacionais/foruns-internacionais-1/zopacas>. Acesso em: 10 de mai de 2023.

BUZAN, Barry; HANSEN, Lene. A Evolução dos Estudos de Segurança Internacional. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

BUZAN, Barry; WAEVER, Ole; WILDE, Jaap. Security: a New Framework of Analysis. Boulder e Londres: Lynne Rienner Publishers, 1992

BUZAN, Barry. *People, States and Fear: an Agenda for Security Studies in the Post-Cold War Era*. Essex: ECPR Press, [1991] (2007).

BUZAN, Barry; HANSEN, Lene. *A Evolução dos Estudos de Segurança Internacional*. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

BUZAN, Barry; WAEVER, Ole. *Regions and Powers: the Structure of International Security*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

BUZAN, Barry; WAEVER, Ole; WILDE, Jaap de. *Security: a New Framework of Analysis*. Boulder: Lynne Rienner, 1998..

CÁNEPA, Pedro H. Criminosos planejam ataques a Colômbia a partir da Venezuela. *Revista Diálogo Américas* [online], 17 de nov de 2021. Disponível em: <https://diálogo-americas.com/pt-br/articles/criminosos-planejam-ataques-a-colombia-a-partir-da-venezuela/#.YuW3RHbMLrc>. Acesso em: 01 de ago de 2022.

CHOMSKY, Noam. *Contendo a democracia*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

COOK, Geraldine. Situação ameaçadora no Caribe: mudança climática e disputa entre grandes potências. *Revista Diálogo Américas* [online], 28 de out de 2021. Disponível em: <https://diálogo-americas.com/pt-br/articles/situacao-ameaçadora-no-caribe-mudanca-climatica-e-disputa-entre-grandes-potencias/#.YuWfXbMLrc>. Acesso em: 01 de ago de 2022.

COLE, H. et al. *The History of the Unified Command Plan: 1946-1999*. Congressional Research Service. Washington: Joint History Office, 2003.

CRONK, Terri. Indicada ao comando do Southcom: Estados Unidos devem continuar sendo “parceiros de escolha” no Hemisfério Ocidental. *Revista Diálogo Américas* [online], 05 de ago de 2021. Disponível em: <https://diálogo-americas.com/pt-br/articles/indicada-ao-comando-do-southcom-estados-unidos-devem-continuar-sendo-parceiros-de-escolha-no-hemisferio-ocidental/#.YuV943bMLrc> Acesso em: 01 de ago de 2022.

D’ERIZANS, Ricardo G. Aliado de maduro enfrenta 20 anos de prisão. *Revista Diálogo América* [online], 17 de nov de 2021. Disponível em: <https://diálogo-americas.com/pt-br/articles/aliado-de-maduro-enfrenta-20-anos-de-prisao/#.YuW15nbMLrc>. Acesso: 01 de ago de 2022.

DELGADO, Juan. Smuggled chinese Cigarettes increasingly reach latin america. *Revista Diálogo América* [online], 07 de dez de 2021. Disponível em: <https://diálogo-americas.com/articles/smuggled-chinese-cigarettes-increasingly-reach-latin-america/#.YuW4iHbMLrd> Acesso: 01 de ago de 2022.

DELGADO, Juan. Roubos de cobre no Chile são vinculados a China. *Revista Diálogo América* [online], 19 de mar de 2020. Disponível em: <https://diálogo-americas.com/pt-br/articles/roubos-de-cobre-no-chile-sao-vinculados-a-china/#.YuPoUnbMLrc> Acesso: 01 de ago de 2022.

DELGADO, Juan. Argentine Navy Strengthens fleet to combat illegal fishing. Revista Diálogo América [online], 30 de jun de 2022a. Disponível em: <https://dialogo-americas.com/articles/argentine-navy-strengthens-fleet-to-combat-illegal-fishing/#.YtmjyXbMLrc>. Acesso: 01 de ago de 2022.

DELGADO, Juan. Tren de Aragua: Venezuela criminals in Latin America. Revista Diálogo América [online], 25 de jul de 2022b. Disponível em: <https://dialogo-americas.com/articles/tren-de-aragua-venezuelan-criminals-in-latin-america/#.Yt7ZznbMLrc>. Acesso: 01 de ago de 2022.

DEPARTAMENTO DE DEFESA DOS ESTADOS UNIDOS. Relatório Fiscal de 2020. Washington, 2020. Disponível em: https://comptroller.defense.gov/Portals/45/Documents/afr/fy2020/DoD_FY20_Agency_Financial_Report.pdf. Acesso em: 28 de ago de 2021.

DIÁLOGO. Gerais venezuelanos e o Cartel dos Sóis. Revista Diálogo Américas, 06 de abril de 2020a. Disponível em: <https://dialogo-americas.com/pt-br/articles/gerais-venezuelanos-e-o-cartel-dos-sois/#.YuQ-KHbMLrc>. Acesso em: 28 de ago de 2022.

DIÁLOGO. Desmantelando a economia ilícita que sustenta o regime Maduro. Revista Diálogo: Fórum das Américas. Vol. 46, segunda edição de 2020, p. 28-35, 2020b. Disponível em: <https://dialogo-americas.com/application/files/Dialogo-2nd-2020-PT.pdf>. Acesso em: 28 de ago de 2021.

DIÁLOGO. Irã aumenta presença na América Latina em aliança com o crime organizado. Revista Diálogo Américas, 14 de set de 2021a. Disponível em: <https://dialogo-americas.com/pt-br/articles/ira-aumenta-presenca-na-america-latina-em-alianca-com-o-crime-organizado/#.YuWNQXbMLrc>. Acesso: 1 de ago de 2021.

DIÁLOGO. Piratas representam um alto risco para navegantes da Venezuela. Revista Diálogo Américas, 10 de dez de 2021b. Disponível em: <https://dialogo-americas.com/pt-br/articles/piratas-representam-um-alto-risco-para-navegantes-no-nordeste-da-venezuela/#.YuW8ynbMLrc>. Acesso: 1 de ago de 2021.

DIÁLOGO. Tráfico de venezuelanos no mundo cresce com a emergência humanitária. Revista Diálogo Américas, 13 de ago de 2021c. Disponível em: https://dialogo-americas.com/pt-br/articles/trafico-de-venezuelan-os-no-mundo-cresce-com-a-emergencia-humanitaria/#.YuV_rHbMLrc. Acesso: 1 de ago de 2021

DIÁLOGO. EUA pedem para reunir esforços para combater o narcotráfico na América Latina. Revista Diálogo Américas, 19 de fev de 2021d. Disponível em: <https://dialogo-americas.com/pt-br/articles/eua-pedem-para-reunir-esforcos-para-combater-o-na-rcotrafico-na-america-latina/#.YuSL8HbMLrc>. Acesso: 1 de ago de 2021.

DIÁLOGO. Equador combate pesca ilegal da frota chinesa co tecnologia de satellite do Canadá. Revista Diálogo Américas [online], 26 de jul de 2022a. Disponível em: <https://dialogo-americas.com/pt-br/articles/equador-combate-pesca-ilegal-da-frota-chinesa-com-tecnologia-de-satelite-do-canada/#.Yuf5nmbMLrc>. Acesso em: 01 de ago de 2022.

DIÁLOGO. Irã procura aumentar sua influência na América Latina, advertem especialistas. Revista Diálogo Américas [online], 27 de jul de 2022b. Disponível em: <https://dialogo-americas.com/pt-br/articles/ira-procura-aumentar-sua-influencia-na-america-latin-a-advertem-especialistas/#.Yuf4HHbMLrc>. Acesso em: 01 de ago de 2022.

DIÁLOGO. Gangues criminosas e guerrilheiros envolvidos no tumulto do Arco Mineiro. Revista Diálogo Américas [online], 01 de mar de 2022c. Disponível em: <https://dialogo-americas.com/pt-br/articles/gangues-criminosas-e-guerrilheiros-envolvidos-no-tumulto-do-arco-mineiro/#.YucUbnbMLrc>. Acesso em: 01 de ago de 2022.

ELLIS, Evan. *Thinking strategically about Latin America and the Caribbean*. United States Army War College Press, Strategic Insights, December 9, 2016. Disponível em: <http://ssi.armywarcollege.edu/index.cfm/articles/Thinking-Strategically-About-Latin-America-Caribbean/2016/12/09>. Acesso em: 28 de ago de 2021.

ELLIS, Evan. *The US Military in Support of Strategic Objectives in Latin America and the Caribbean*. PRISM – The Journal of Complex Operations, Vol. 8, No.1, 2019.

ELLIS, Evan. The Risks of Chinese Engagement in the Americas. Revista Diálogo Américas [online], 18 de abr de 2022a. Disponível em: <https://dialogo-americas.com/articles/the-risks-of-chinese-engagement-in-the-americas/#.Yt7aEXbMLrc>. Acesso em: 1 de ago de 2022.

ELLIS, Evan. Russia's Latest Return to Latin America. Revista Diálogo Américas [online], 19 de jan de 2022b. Disponível em: <https://dialogo-americas.com/articles/russias-latest-return-to-latin-america/#.YuXNOHbMLrc>. Acesso em: 1 de ago de 2022.

ESTADOS UNIDOS. Department of Defense. Quadrennial Defense Review. Washington, D.C., 2014.

ESTADOS UNIDOS. The White House. National Security Strategy of The United States of America. December, 2017.

ESTADOS UNIDOS. Department of Defense Reorganization Act of 1958. Washington: Public Law 85-599, 1958.

ESTADOS UNIDOS. Dicionário de Termos Militares e Associados do Departamento de Defesa. Washington: Departamento de Defesa, 2021. Disponível em: <https://www.jcs.mil/Portals/36/Documents/Doctrine/pubs/dictionary.pdf>. Acesso em: 28 de ago de 2021a.

ESTADOS UNIDOS. Estratégia Internacional de Controle de Narcóticos. Departamento de Estado, 2021. Disponível em: <https://www.state.gov/international-narcotics-control-strategy-reports/>. Acesso em: 21 de set de 2021.

ESTADOS UNIDOS. National Security Act of 1947. Washington: Public Law 253, 80th Congress; Chapter 343, 1st Session; S. 758, 1947.

ESTADOS UNIDOS. Operation and Maintenance Overview Fiscal Year 2015. Washington: Departamento de Defesa, 2015. Disponível em:

https://comptroller.defense.gov/Portals/45/Documents/defbudget/fy2015/fy2015_OM_Overview.pdf. Acesso: 01 de mai de 2023.

ESTADOS UNIDOS. Operation and Maintenance Overview Fiscal Year 2016. Washington: Departamento de Defesa, 2016. Disponível em: https://comptroller.defense.gov/Portals/45/Documents/defbudget/fy2016/fy2016_OM_Overview.pdf. Acesso: 01 de mai de 2023.

ESTADOS UNIDOS. Operation and Maintenance Overview Fiscal Year 2017. Washington: Departamento de Defesa, 2017. Disponível em: https://comptroller.defense.gov/Portals/45/Documents/defbudget/fy2017/fy2017_OM_Overview.pdf. Acesso: 01 de mai de 2023.

ESTADOS UNIDOS. Operation and Maintenance Overview Fiscal Year 2018. Washington: Departamento de Defesa, 2018. Disponível em: https://comptroller.defense.gov/Portals/45/Documents/defbudget/fy2018/fy2018_OM_Overview.pdf. Acesso: 01 de mai de 2023.

ESTADOS UNIDOS. Operation and Maintenance Overview Fiscal Year 2019. Washington: Departamento de Defesa, 2019. Disponível em: https://comptroller.defense.gov/Portals/45/Documents/defbudget/fy2019/fy2019_OM_Overview.pdf. Acesso: 01 de mai de 2023.

ESTADOS UNIDOS. Operation and Maintenance Overview Fiscal Year 2020. Washington: Departamento de Defesa, 2020. Disponível em: https://comptroller.defense.gov/Portals/45/Documents/defbudget/fy2020/fy2020_OM_Overview.pdf. Acesso: 01 de mai de 2023.

ESTADOS UNIDOS. Operation and Maintenance Overview Fiscal Year 2021. Washington: Departamento de Defesa, 2021. Disponível em: https://comptroller.defense.gov/Portals/45/Documents/defbudget/fy2021/fy2021_OM_Overview.pdf. Acesso: 01 de mai de 2023.

ESTADOS UNIDOS. Operation and Maintenance Overview Fiscal Year 2022. Washington: Departamento de Defesa, 2022. Disponível em: https://comptroller.defense.gov/Portals/45/Documents/defbudget/FY2022/FY2022_OM_Overview.pdf. Acesso: 01 de mai de 2023.

ESTADOS UNIDOS. Operation and Maintenance Overview Fiscal Year 2023. Washington: Departamento de Defesa, 2023. Disponível em: https://comptroller.defense.gov/Portals/45/Documents/defbudget/FY2023/FY2023_OM_Overview.pdf. Acesso: 01 de mai de 2023.

FALLER, Craig S. “Posture Statement of Admiral Craig S. Faller Commander, United States Southern Command Before The 116th Congress Senate Armed Services Committee”. Washington, Fev 2019. Disponível em: https://www.southcom.mil/Portals/7/Documents/Posture%20Statements/SOUTHCOM_2019_Posture_Statement_Final.pdf

FALLER, Craig S. “Posture Statement of Admiral Craig S. Faller Commander, United States Southern Command Before The 116th Congress Senate Armed Services Committee”. Washington,

Jan 2020. Disponível em: https://www.southcom.mil/Portals/7/Documents/Posture%20Statements/SASC%20SOUTHCOM%20Posture%20Statement_FINAL.pdf?ver=2020-01-30-081357-560

FARAH; Douglas; RICHARDSON, Marianne. As prioridades estratégicas cambiantes da China na América Latina: do soft power a uma concorrência mais aguda. Revista Diálogo Américas [online], 17 de mar de 2022. Disponível em: <https://diálogo-americas.com/pt-br/articles/china-aumenta-rastro-de-contaminacao/#.YuWLUXbMLrc>. Acesso em: 1 de ago de 2023.

FEICKERT, Andrew. The Unified Command Plan and Combatant Commands: Background and Issues for Congress. Washington: Congressional Research Service, 2013. Disponível em: <https://fas.org/sgp/crs/natsec/R42077.pdf>. Acesso em: 14 jul 2021.

FERREIRA, Marcos Alan S. V. Venezuela como “safe haven” do terrorismo? Uma análise da política externa dos EUA para o governo Hugo Chávez no contexto da Guerra Global ao Terrorismo. Rio de Janeiro: Latin American Studies Association, jun 2009.

FERREIRA, Marcos Alan S. V. Terrorismo: debate em torno da presença do Hezbollah na Tríplice Fronteira. IN: MEDINA, Cremilda (org). Fronteiras latino-americanas: geopolítica do século XXI. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2012.

FERREIRA, Marcos Alan S. V. Combate ao terrorismo na América do Sul: uma análise comparada das políticas do Brasil e dos Estados Unidos para a Tríplice Fronteira. Curitiba: Ed. Prismas, 2016.

FORNER, Clarissa N. O Departamento de Defesa e a militarização da política externa estadunidense, de Bush a Obama (2001-2017). 2020. 389f. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) UNESP/UNICAMP/PUC-SP, Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, 2020.

GOUILLOU, Nathalie. Riscos de interferência russa antes das eleições colombianas. Revista Diálogo Américas [online], 04 de mar de 2022. Disponível em: <https://diálogo-americas.com/pt-br/articles/riscos-de-interferencia-russa-antes-das-eleicoes-colombianas/#.YucZOnbMLrc>. Acesso em: 01 de ago de 2022.

HANSEN, Lene. Security as Practice: Discourse analysis and the Bosnian war. New York: Routledge, 2006.

HUMIRE, Joseph M. A Penetração Sistemática do Irã na América Latina. Revista Diálogo: Fórum das Américas. Vol. 47, primeira edição de 2021, p. 74-79, 2021a. Disponível em: <https://diálogo-americas.com/application/files/Dialogo-PORT-21-2nd-Edition.pdf>. Acesso em: 22 de mai de 2023.

IISS. International Institute for Strategic Studies. The Military Balance 2018: the annual assessment of global military capabilities and defense economics. London, 2018.

INSIGHT CRIME. Beneath the surface of illegal gold mining in the Amazon. InSight Crime [online], 8 de nov de 2022. Disponível em: <https://insightcrime.org/investigations/beneath-surface-illegal-gold-mining-amazon/>. Acesso em: 12 de jun de 2023.

INSIGHT CRIME. Drug Trafficking within the Venezuelan regime: the “cartel of the suns”. InSight Crime [online], 17 de mai de 2018. Disponível em: <https://insightcrime.org/investigations/drug-trafficking-venezuelan-regime-cartel-of-the-sun>. Acesso em: 22 de mai de 2023.

KELLY, John F. Posture Statement of General John F. Kelly, United States Marine Corps Commander, United States Southern Command before the 114th Congress Senate Armed Services Committee. Washington, Mar 2015. Disponível em: https://www.armed-services.senate.gov/imo/media/doc/Kelly_03-12-15.pdf

KIRSCHNER, Noelani. Maduro continua a praticar crimes contra venezuelanos. Revista Diálogo Américas [online], 24 de fev de 2020. Disponível em: <https://dialogo-americas.com/pt-br/articles/maduro-continua-a-praticar-crimes-contra-venezuelanos/#.YuBLC3bMLrc>. Acesso em: 01 de ago de 2022.

LIPIN, Michael. Aparente fornecimento de drones de combate do Irã para Venezuela destaca riscos de terrorismo. Revista Diálogo Américas [online], 25 de abr de 2022. Disponível em: <https://dialogo-americas.com/pt-br/articles/aparente-fornecimento-de-drones-de-combate-do-ira-par-a-venezuela-destaca-riscos-do-terrorismo/#.YufcY3bMLrc>. Acesso em: 01 de ago de 2022.

LOPEZ, Todd. Southcom Chief: Venezuela’s Maduro at Center of “Vicious Circle of Threats”. Departamento de Defesa dos Estados Unidos, 13 de ago de 2020. Disponível em: <https://www.defense.gov/News/News-Stories/Article/Article/2312585/southcom-chief-venezuelas-maduro-at-center-of-vicious-circle-of-threats/>. Acesso em: 01 de mai de 2023.

MACDONALD, Scott B. The return of the Cold War in the Caribbean. Center for Strategic and International Studies (CSIS), 2019. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/return-cold-war-caribbean>

MASON, Jeff; RAMPTON, Roberta. US declares Venezuela a National Security Threat, sanctions top officials. Reuters. 9 de março de 2015. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-usa-venezuela/u-s-declares-venezuela-a-national-security-threat-sanctions-top-officials-iduskbn0m51ns20150310>. Acesso em: 20 de julho de 2020.

MCINNIS, Kathleen J.; MCGARRY, Brendan W. United States Southern Command (SOUTHCOM). Washington: Congressional Research Service, 2020. Disponível em: <https://fas.org/sgp/crs/natsec/IF11464.pdf>. Acesso em: 14 jul 2021.

MCCLOUD, Steven. Destróieres: um recurso crucial contra o contrabando de drogas. Revista Diálogo Américas, 24 de ago de 2020. Disponível em: <https://dialogo-americas.com/pt-br/articles/destroieres-um-recurso-crucial-contra-o-contrabando-de-drogas/#.YuSDt3bMLrc>. Acesso: 1 de ago de 2022.

MEACHAM, Carl. Will the Venezuelan state fail? Center for Strategic and International Studies (CSIS). 19 de maio de 2015. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/will-venezuelan-state-fail>. Acesso em: 15 de julho de 2020.

MEARSHEIMER, John J. The Tragedy of Great Power Politics. Nova York: W. W. Norton & Company, 2014.

MORENO, Jaime. Venezuela Provides safe haven to Hezbollah, US warns. *Revista Diálogo Américas* [online], 04 de mar de 2020. Disponível em: <https://diálogo-americas.com/articles/venezuela-provides-safe-haven-to-hezbollah-us-warns/>. Acesso em: 01 de ago de 2022.

MOTTA, Bárbara V. C. *Securitização e Política de Exceção: o excepcionalismo norte-americano na Segunda Guerra do Iraque*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

NASSER, Reginaldo. Os Estados Unidos e o Crime Transnacional na América do Sul: aspectos históricos e contemporâneos. IN: NASSER; FRACALOSSI. *Brasil e a segurança no seu entorno estratégico: América do Sul e Atlântico Sul*. Brasília: Ed IPEA, 2014.

NEIRA, Rafael D. U. “Is the Enhanced Counter Narcotics Operations a Model for Sea Power in the Caribbean in the Years to Come?” Blog Srife do Departamento *War Studies* da *King's College*, 2021. Disponível em: <https://www.strifeblog.org/2021/05/11/is-the-enhanced-counter-narcotic-operations-a-model-for-sea-power-in-the-caribbean-in-the-years-to-come/>

OLIVEIRA, Flávio R. Estados Unidos da América: a segurança em perspectiva histórica. In: DINIZ, Eugenio. *Estados Unidos: política externa e atuação na política internacional contemporânea*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2009.

OMMATI, Marcos. The threats of China and Russia's influence in Latin America. *Revista Diálogo Américas* [online], 22 de jul de 2022a. Disponível em: <https://diálogo-americas.com/pt-br/articles/as-ameacas-da-influencia-da-china-e-da-russia-na-america-latina/#.YugxO3ZKjrc>. Acesso em: 1 de ago de 2022.

OMMATI, Marcos. Venezuela expande cooperação com Rússia na Esfera Militar. *Revista Diálogo Américas* [online], 04 de mar de 2022a. Disponível em: <https://diálogo-americas.com/pt-br/articles/venezuela-expande-cooperacao-com-russia-na-esfera-militar/#.YucVs3bMLrc>. Acesso em: 1 de ago de 2022.

ONAFÁ, Mercedes. Grande parte do Equador é devastada pela mineração ilegal do crime organizado. *Revista Diálogo Américas* [online], 24 de mar de 2022. Disponível em: https://diálogo-americas.com/pt-br/articles/grandes-partes-do-equador-devastadas-pela-mineracao-ilegal-do-crime-organizado/#.Yuc-_HbMLrc Acesso em: 1 de ago de 2022.

PELCASTRE, Juliana. Guerrilhas colombianas subjagam indígenas com apoio de Maduro. *Revista Diálogo Américas* [online], 26 de abri de 2020 Disponível em: <https://diálogo-americas.com/pt-br/articles/guerrilhas-colombianas-subjugam-indigenas-com-apoio-de-maduro/#.YuQ35XbMLrc> Acesso em: 1 de ago de 2022.

PELCASTRE, Juliana. China aumenta rastro de contaminação. *Revista Diálogo Américas* [online], 17 de set de 2021a. Disponível em: <https://diálogo-americas.com/pt-br/articles/china-aumenta-rastro-de-contaminacao/#.YuWLUXbMLrc>. Acesso de: 1 de ago de 2022.

PELCASTRE, Juliana. Irã busca aliados na América Latina. *Revista Diálogo Américas* [online], 07 de set de 2021b. Disponível em: <https://diálogo-americas.com/pt-br/articles/ira-busca-aliados-na-america-latina/#.YuWKNXbMLrc>. Acesso de: 1 de ago de 2022.

PELCASTRE, Juliana. WTO limits subsidies for illegal fishing. Revista Diálogos Américas [online], 25 de jul de 2022a. Disponível em: <https://diálogo-americas.com/articles/wto-limits-subsidies-for-illegal-fishing/#.Yt7Zx3bMLrc> Acesso de: 1 de ago de 2022.

PELCASTRE, Juliana. Costa Rica sob ataque cibernético da gangue russa Conti. Revista Diálogos Américas [online], 27 de mai de 2022b. Disponível em: <https://diálogo-americas.com/pt-br/articles/hrw-denuncia-conluio-entre-militares-da-venezuela-e-el-n/#.YufvKXbMLrc>. Acesso de: 1 de ago de 2022.

PELCASTRE, Juliana. HRW denuncia conluio entre militares da Venezuela e ELN. Revista Diálogos Américas [online], 09 de mai de 2022c. Disponível em: <https://diálogo-americas.com/pt-br/articles/costa-rica-sob-ataque-cibernetico-da-gangue-russa-conti/#.YufvKXbMLrc> Acesso de: 1 de ago de 2022.

PELCASTRE, Juliana. Colômbia prende cidadão russo por financiar a desestabilização do país. Revista Diálogos Américas [online], 27 de abr de 2022d. Disponível em: <https://diálogo-americas.com/pt-br/articles/colombia-prende-cidadao-russo-por-financiar-a-desestabilizacao-do-pais/#.YufY4HbMLrc> Acesso de: 1 de ago de 2022.

PERNALETE, José. Tráfico de drogas e pessoas, principais desafios do SOUTHCOM na região. Revista Diálogos Américas [online], 10 de jun de 2021. Disponível em: <https://diálogo-americas.com/pt-br/articles/trafico-de-drogas-e-pessoas-principais-desafios-do-south-com-na-regiao/#.YuVLEXbMLrc> Acesso de: 1 de ago de 2022.

PISANI, Sofia. At least 80 tons of gold are smuggled out of venezuela each year, experts say. Revista Diálogos Américas [online], 17 de jan de 2020. Disponível em: <https://diálogo-americas.com/articles/at-least-80-tons-of-gold-are-smuggled-out-of-venezuela-each-year-experts-say/#.YuATChbMLrc> Acesso de: 1 de ago de 2022

POSEN, Barry. Command of the Commons: the military foundation of US hegemony. International Security, 2003.

RALBY, Ian. Crime marítimo durante a pandemia: desvendando tendências no Caribe. Revista Diálogo Américas [online], 02 de ago de 2021. Disponível em: <https://diálogo-americas.com/articles/maritime-crime-during-the-pandemic-unmasking-trends-in-the-caribbean/#.YuV45XbMLrf>. Acesso: 1 de ago de 2022.

RETANA, Gustavo A. Colômbia, novo alvo de desinformação da Rússia. Revista Diálogo Américas [online], 09 de abr de 2020. Disponível em: <https://diálogo-americas.com/pt-br/articles/colombia-novo-alvo-da-desinformacao-da-russia/#.YuPueHbMLrc> Acesso de: 1 de ago de 2022.

RODRIGUES, Thiago. Apresentação: Drogas e Guerras IN: LABROUSSE, Alain. Geopolítica das Drogas. São Paulo: Ed. Desatino, 2010.

RODRIGUES, Thiago. Política e Drogas nas Américas: uma Genealogia do Narcotráfico. São Paulo: Ed. Desatino, 2017.

SAAVEDRA, Guillermo. Policía do Chile descarrilha el Tren de Aragua. Revista Diálogo Américas [online], 06 de mai de 2022. Disponível em: <https://diálogo-americas.com/pt-br/articles/policia-do-chile-descarrilha-el-tren-de-aragua/> Acesso de: 1 de ago de 2022

SAIN; Marcelo F.; GAMES, Nicolás R. Tendências e desafios do crime organizado na América Latina. IN: NASSER; FRACALOSSI. Brasil e a segurança no seu entorno estratégico: América do Sul e Atlântico Sul. Brasília: Ed IPEA, 2014.

SAINT-PIERRE, Héctor L. Ameaça IN: SAINT-PIERRE, Héctor L; VITELLI, Marina G. Dicionário de Segurança e Defesa. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

SÁNCHEZ, Karen. EUA denunciam presença do Hezbollah na Venezuela em conferencia contra o terrorismo. Revista Diálogo Américas [online], 12 de fev de 2020. Disponível em: <https://diálogo-americas.com/pt-br/articles/eua-denunciam-presenca-do-hezbollah-na-venezuela-em-conferencia-contra-o-terrorismo/#.YuAxS3bMLrc>. Acesso em: 01 de ago de 2022.

UCDP and PRIO. UCDP/PRIO Armed Conflict Dataset v.4-015, 1946-2014. Uppsala/Oslo: Uppsala Conflict Data Program and Peace Research Institute Oslo, 2015.

UNODC. Global Study on Homicide 2013. Vienna: United Nations Office on Drugs and Crime, 2014.

US Southern Command. SOUTHCOM Enhanced Counternarcotics Operations. Us Southcom website, 2020. Disponível em: <https://www.southcom.mil/EnhancedCounterNarcoticsOps/>

US SOUTHERN COMMAND (USSOUTHCOM) . History. US Southcom website, 2021. Disponível em: <https://www.southcom.mil/About/History/>. Acesso em: 14 jul 2021

TEIXEIRA JUNIOR, Augusto W. M. *Geopolítica: do pensamento clássico aos conflitos contemporâneos*. Curitiba: Intersaberes, 2017.

TEIXEIRA JÚNIOR. Augusto W. M. Geopolítica e Postura Estratégica dos Estados Unidos na Crise da Venezuela. Análise Estratégica. Brasília: Centro de Estudos Estratégicos do Exército, 2020. Disponível em: <http://www.ebrevistas.eb.mil.br/CEEEExAE/issue/view/329> Acesso em: 27 ago 2021.

TEIXEIRA JÚNIOR, A. W. M. O Entorno Estratégico Brasileiro na Geopolítica das Grandes Potências: a crise da Venezuela e seus impactos para o Brasil. Análise Estratégica, Brasília: Centro de Estudos Estratégicos do Exército, Vol 8 (1), jan/jun 2020a.

TEIXEIRA JÚNIOR, A. W. M. O desafio da dissuasão convencional no ambiente multidomínio: anti-acesso e negação de área como resposta. Análise Estratégica, Brasília: Centro de Estudos Estratégicos do Exército, Vol 18, set/nov 2020b.

TIDD, Kurt W. “Posture Statement of Navy Adm Kurt W. Tidd Commander, United States Southern Command Before The 115th Congress Senate Armed Services Committee” Washington, Abr. 2017. Disponível em: <https://www.southcom.mil/Media/Special-Coverage/2017-Posture-Statement-to-Congress/>

TRUMP, Donald. Trump White House Archived. President Trump Delivers Remarks on SOUTHCOM Enhanced Counternarcotics Operations. Youtube, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IQ7tcqFuFKI&ab_channel=TrumpWhiteHouseArchived

TRUMP, Donald. Trump White House Archived. President Trump Receives a Briefing on SOUTHCOM Enhanced Counternarcotics Operations. Youtube, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=72dIrFu_8aw&ab_channel=TrumpWhiteHouseArchived

VERGUN, David. Líderes do SOUTHCOM discutem como combater ameaças ao Hemisfério. Revista Diálogo Américas [online], 09 de out de 2020. Disponível em <https://diálogo-americas.com/pt-br/articles/lideres-do-southcom-discutem-como-combater-ameacas-ao-hemisferio/#.YuSFsnbMLrc>. Acesso em: 01 de ago de 2022.

WATKINS, Larry. US Southern Command. SOUTHCOM Podcast Episode 1 - Enhanced Counternarcotics Operations. Youtube, 1 out de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IzSdZaFUe-M&ab_channel=USSouthernCommand

WEIFFEN, Brigitte and VILLA, Rafael Antônio Duarte. “*Re-thinking Latin American Regional Security: The impact of Power and Politics*” in SUAREZ, Marcial A.G. *Power Dynamics and Regional Security in Latin America*. Palgrave Macmillan, 2017.

REFERENCIAS QUE FALTAM